



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH CAMPUS IV
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

EDNALDO SILVA DOS SANTOS

**INDEPENDÊNCIA E MORTE: AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS
OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS EM JACOBINA BAHIA
(2004-2014)**

Jacobina - Bahia
2018

EDNALDO SILVA DOS SANTOS

**INDEPENDÊNCIA E MORTE: AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS
OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS EM JACOBINA BAHIA
(2004-2014)**

Trabalho Monográfico, apresentado a
Universidade do Estado da Bahia, Campus
IV, como parte das exigências para a
obtenção do título de licenciatura plena em
História.

Jacobina, 05 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Orientador Ivan Ramires Rios da Silva
Universidade do Estado da Bahia – Uneb

Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira
Universidade do Estado da Bahia - Uneb

Prof. Me. Jaime Baratz
Universidade do Estado da Bahia - Uneb

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida. Em seguida, muitas pessoas poderiam facilmente serem lembradas para marcá-las no tempo neste trabalho, mas saliento dedicatória especialmente à minha família, representada na pessoa dos meus saudosos avôhais Maria Cassimira dos Santos e Guilherme Manoel dos Santos que me deram base para trilhar os caminhos da vida de maneira honesta e responsável. Posteriormente, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos Naiara Almeida, Girlânio Barbosa, Álvaro, Cleriston Oliveira e companheiros da Pastoral da Juventude do Meio Popular pela formação política durante todo o tempo em que estivemos juntos, sem vocês eu não conseguiria manter-me firme nas discussões sucedidas na universidade.

Não poderia deixar de agradecer ao meu amigo e professor de redação Antônio de Jesus Barbosa, este cidadão foi meu grande incentivador e um dos responsáveis por minha inclusão dentro da universidade pública, sem ele eu não teria conseguido chegar lá, portanto, minha eterna gratidão. Todavia, gostaria de agradecer aos professores Jaime Baratz, Joelma Ferreira, Valter de Oliveira, Claudia Andrade e Ivan Ramires pelas discussões em sala de aula, agradeço pela apresentação na universidade, dos muitos teóricos inconformados com as contradições existentes postas pelo capital.

Por fim, agradeço o apoio dispensado de Cristiane Alves e Jerriana Santana, meu muito obrigado pelas correções e encorajamento, sem vocês eu estaria perdido gramaticalmente. Da mesma forma não poderia deixar de lembrar do LADO DE CÁ, meus eternos amigos de sala de aula: Marconey Oliveira, Mateus Conceição, Edvaldo Coutinho, Everton Guimarães, Marcones Rios, Danilo Santana, Carina Oliveira, Marília Pinho, Mariana Dourado e a Cristiane Miranda minha eterna gratidão.

RESUMO

Este trabalho visa refletir acerca das condições de trabalho dos operários calçadistas da cidade de Jacobina, bem como elencar aspectos que circundam o dia a dia dos trabalhadores. Todavia, refletiremos como a reestruturação produtiva do Brasil refletiu no setor calçadista em Jacobina Bahia. No entanto, notaremos as problemáticas que envolviam as relações sociais dos operários da indústria de calçados dentro e fora do ambiente laboral a partir de entrevistas com ex- trabalhadores, laudos médicos e processos trabalhistas dos profissionais do calçado. Por fim, será analisando as condições de trabalho, as diversas situações que permeavam a saúde dos trabalhadores, as perspectivas profissionais do operariado que outrora forneceram mão de obra fabril aos capitalistas, que compreenderemos os lugares dos algozes e fornecedores da mão de obra operária.

Palavras chave: Trabalho, saúde e doença.

ABSTRACT

This work aims at reflecting on the working conditions of the footwear workers of the city of Jacobin, as well as listing aspects that surround the day to day of the workers. However, we will reflect how the productive restructuring of Brazil reflected in the footwear sector in Jacobina Bahia. However, we will note the problems that involved the social relations of the workers of the footwear industry inside and outside the work environment from interviews with ex-workers, medical reports and labor processes of footwear professionals. Finally, it will be analyzing the conditions of work, the various situations that permeated the health of the workers, the professional perspectives of the laborer who once provided factory labor to the capitalists, who will understand the places of the tormentors and suppliers of the labor force.

Keywords: Work, health and disease.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Vista aérea da cidade de Jacobina Bahia.....	21
Imagem 2 - Protesto dos operários de calçados em 2014.....	42
Imagem 3 - Greve dos trabalhadores no ano de 2014	49

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I: A Geografia, o espaço e a indústria.....	14
1.1 As Bases Estruturais da Indústria de Calçados: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo	14
1.2 As fábricas de calçados no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo	17
1.3 A cidade de Jacobina e a reestruturação produtiva	18
Capítulo II: As Normas Técnicas do Trabalho.	24
2.1 – As Bases Regimentais do Trabalho	24
2.2 - O Instituto Nacional de Seguridade Social e a insegurança política do Brasil	26
2.3 - O Ministério Brasileiro do Trabalho e a fiscalização das atividades laborais.....	27
2.4 - A Vida e o Trabalho: As doenças dos operários e operárias.....	29
Capítulo III: A Estrutura Social e o Trabalho Industrial.....	40
3.1 - A representação coletiva dos trabalhadores	40
3.2 - Os trabalhadores em luta.....	47
3.3 - A educação dos trabalhadores e as tramas da vida.....	50
3.4 - Independência e morte	52
3.5 - Considerações finais.	54

“Meu maior sonho é um dia ter um filho e poder segurar em meus braços sem poder sentir dor”

Adenilson Sales dos Santos

1.1- INTRODUÇÃO

Narrar a história da indústria de calçados de Jacobina na Bahia é refletir sobre os diferentes aspectos que circundam as transformações sociais com o advento da industrialização e, conseqüentemente, sobre a vida dos operários que trabalharam nesta indústria desde seu estabelecimento acelerado em 2004. Isso porque, muitos dos operários que venderam sua mão de obra em detrimento do trabalho na fábrica de calçados, saíram acometidos de várias lesões corporais quando não chegaram à morte, diante disso, a estranheza desses acontecimentos é silenciada e pouco discutida pela sociedade de Jacobina e região, nos meios de comunicação, em espaços formais e não formais, causando uma consciência inconsequente de tais acontecimentos na sociedade jacobinense. Outra questão indissolúvel aos acontecimentos deste local de trabalho, se deu com a morte do operário Adenilson Sales dos Santos no ano de 2014 causada por uma grave lesão na clavícula cervical ocasionada dentro do local de trabalho como veremos no decorrer da narrativa. Neste sentido, é salutar entender todo esse drama vivido pelos trabalhadores a partir do depoimento de três antigos operários e percorrermos os dramas vividos de Adenilson Sales dos Santos que vivenciou de perto os problemas de saúde enfrentados a partir de seu ingresso numa fábrica de calçados.

Estas linhas serão descritas narrando os problemas enfrentados pelos trabalhadores, fazendo-nos refletir sobre os incômodos deixados por esta grande indústria que teve sua matriz industrial na cidade de Franca em São Paulo. Partindo desse pressuposto, podemos nos fazer as seguintes perguntas: até que ponto a indústria contribuiu para o desenvolvimento da cidade? Até que ponto o desenvolvimento industrial carregado de lesões corporais no operariado são válidos para a vida dos trabalhadores assalariados? Nesse sentido, novos questionamentos são postos no campo das discussões, propondo um novo olhar acerca da indústria de calçados instalada na interiorana cidade de Jacobina na Bahia trazendo para o campo historiográfico novos sujeitos que passam a entrar no palco da história.

1.2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Ao discorrer sobre esta narrativa, várias linhas teóricas perpassam nosso imaginário para dissertar a história destes operários, mas iremos nos atentar à algumas que selecionadas por acreditar, possuir maior relevância à discussão proposta a ser apresentada. Nesse sentido, a compreensão adotada por Karl Marx sobre o materialismo histórico nos esclarece muitos aspectos dessas condições trabalhistas quando nos oferece considerações importantes sobre o contínuo diálogo entre o homem como ser historicamente construído dentro de um mundo materialmente relacional e de trocas que transformam as estruturas sociais veementemente a partir de seu contato com a natureza. Já outra grande contribuição em Marx para analisar as circunstâncias que envolviam os operários, está em sua outra obra intitulada Trabalho Assalariado e Capital, nessa obra veremos a concepção sobre o que é o salário, os valores atribuídos a cada trabalhador por hora trabalhada e o tipo de trabalho que os empregam. Desta maneira, os operários das fábricas vendem sua força de trabalho e não seu trabalho aos capitalistas, nesse caso o dinheiro representa sua própria força de trabalho que é trocada por outras mercadorias de que necessitam, configurando aí, o preço do trabalhador.

O cotidiano da fábrica, dos trabalhadores fabricantes de calçados, será mais bem entendido a partir das contribuições de E.P. Thompson, grande pensador marxista culturalista que exprimiu para a sociedade o caráter urgente de uma abordagem mais próxima do dia a dia dos sujeitos deixados à marginalidade histórica, descompassada, subjugada e deveras silenciada. Sob essa perspectiva, suas discussões teórico-metodológicas para a sociologia fornecem suma importância à realidade histórica a ser compreendida como processo, a categoria da experiência como relação entre ser social e consciência social. Esta contribuição se alinha as experiências dos trabalhadores contemporâneos, configurados dentro de um espaço coletivo em que culturas se misturam e se moldam para a similaridade capitalista exigida como resultado final. Todavia, será no cotidiano dos trabalhadores que perceberemos as contradições existentes entre lucro e as condições dos operários, que nos remete a questão da real situação dos trabalhadores e trabalhadoras.

O conceito das representações coletivas abordadas por Roger Chartier contribui de forma atenuada para enriquecer ainda mais este trabalho. Desta forma, o autor ao refletir sobre as representações coletivas, nos apresenta outras formas de enxergar o que de fato representa a fábrica de calçados para a cidade de Jacobina. Temos, portanto, a apresentar dois pontos de vistas distintos, um olhar superficial e benevolente dos capitalistas alocados em instituições representativas, a exemplo do discurso dado pelo então governador do Estado da Bahia Paulo Souto, quando uma fábrica fora instalada na cidade, da mídia escrita qualificando a permanência e aceitação da indústria na cidade sem evidenciar suas contradições, e as condições contraditórias dos trabalhadores em seu cotidiano, reveladas em depoimentos colhidos e apontados nos laudos médicos, periciais e causas trabalhistas autenticadas no Tribunal Regional do Trabalho da Comarca de Jacobina Bahia. Seguindo a linha de raciocínio, observando as representações sociais, analisaremos como a mídia escrita, tratou sobre a chegada desta indústria de calçados e evidenciou suas acomodações em solo do interior baiano e jacobinense.

Também utilizarei as fontes orais, traçando a narrativa dos operários diante de suas experiências trabalhistas na empresa e as consequências causadas durante e após o trabalho, além do drama sofrido por de Adenilson Sales dos Santos, em suma, tais fontes estão intrinsecamente atreladas às novas habilidades de pesquisa das ciências humanas ao reconhecer as diversas influências a que estão subordinados os diferentes grupos no mundo contemporâneo globalizado. Dessarte, outra fonte de discussão desta pesquisa para enriquecimento do presente trabalho, será a busca pela trajetória escolar dos indivíduos aqui evidenciados, suas perspectivas e caminhos percorridos chegando ao desenvolvimento do trabalho dentro da fábrica de calçados.

Esta pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, será exposto como o espaço geográfico da cidade de Jacobina, cidade situada do interior da Bahia, fazendo parte de um novo modelo para reestruturação das bases produtivas capitalistas em pleno desenvolvimento no século XXI. Veremos como ocorreu o desenvolvimento dos meios e modos de produção com o advento da Revolução Industrial em torno da indústria calçadista, e como esta se alinha aos desejos e anseios da classe burguesa contemporânea detentora dos meios e

reguladora dos modos de produção a partir do controle do capital. Evidenciaremos, sobre a história da confecção de calçados no Brasil, suas fábricas empregadoras de mão de obra, e o início deste comércio de grande valor para o acúmulo do capital como também para a subsistência humana, desse modo, não poderemos ausentar-nos da discussão em torno dos interesses inerentes à questão política, uma vez, que as bases para sustentação deste modelo de exploração encontram força demasiada na legislação brasileira ao regular tal atividade produtiva conforme verificaremos adiante.

No capítulo dois, o enfoque será dado nas normativas e legislações brasileiras vigentes, seu papel, suas bases de fundamentação e como é regulado ao trabalhador os aspectos inerentes ao trabalho laboral. Além disso, neste capítulo evidenciaremos os depoimentos dos trabalhadores e de um médico explicitando tematicamente o problema enfrentado na indústria de calçados.

No terceiro e último capítulo, abordaremos acerca das representações sociais a partir dos documentos oficiais, representantes dos detentores dos modos de produção, bem como, os depoimentos contraditórios dos operários que aludem um outro olhar sobre as representações postas.

CAPÍTULO I - A GEOGRAFIA, ESPAÇO E A INDÚSTRIA.

1.3- As Bases Estruturais da Indústria de Calçados: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo

A Revolução Industrial modificou significativamente a vida social dos indivíduos em todo o mundo, conseqüentemente, os processos de trabalho. Neste sentido, esta transformação se caracteriza como um sistema através do qual o homem modifica matérias naturais em produtos para consumo dando ênfase e valor de uso utilizando como principal ferramenta a máquina neste processo. Por outro lado, a aceleração desenfreada do consumo dos mais variados produtos fez e faz com que as novas bases produtivas capitalistas adentrem novos espaços geográficos em busca de supremacia em direção ao seu pleno desenvolvimento. Desta forma, este estudo, voltado para a compreensão do mundo do trabalho calçadista nos revela dados importantes à percepção das nuances enfrentadas pelos trabalhadores deste setor em pleno século XXI.

Seguindo a linha teórica do pensamento em Marx, podemos dizer que as relações sociais de produção capitalistas estão intrinsecamente engendradas a partir das condições materiais existentes. Portanto, ao entendermos tais condições, permitimo-nos compreender o cerne das questões humanas. Isto posto, o trabalho em Marx¹ como categoria para compreensão da sociedade, permite-nos compreender como ocorre a constituição do próprio homem, o mundo em que vive e suas relações existentes.

“A utilização da força de trabalho é o próprio trabalho. O comprador da força de trabalho a consome fazendo com que seu vendedor trabalhe. Desse modo, este último se torna actu [em ato] aquilo que antes ele era apenas potência [em potência], a saber, força de trabalho em ação, trabalhador” Marx (2017. p. 326). Desta maneira, para entendermos o processo de trabalho capitalista, precisamos perceber a inter-relação dos instrumentos vivificadores ao seu pleno funcionamento, isto é, a atividade da força de trabalho, o elemento sobre a qual

¹ Para Marx, as explicações para as questões postas na sociedade devem ser buscadas na práxis material dos homens. A categoria das práxis ocupa lugar central na categoria marxista, por isso, toma a produção da vida material como ponto de partida: “Indivíduos produzindo em sociedade, portanto uma produção de indivíduos socialmente determinada, isto é, naturalmente o ponto de partida. Através do Livro O capital 1867, Marx discute o capitalismo e faz uma crítica a economia política.

ele atua, ou seja, o próprio objeto e o meio através da qual ele funciona, o instrumento de trabalho. Vejamos, como ocorrera o processo de aprimoramento do trabalho industrial e suas principais bases de sustentação.

O sistema operacional de Frederick Taylor caracteriza-se pelo processo de compreensão e manuseio de uma variedade de sistemas técnicos operacionais e do uso das ferramentas a serem utilizadas pelo trabalhador em diferentes atividades dentro da fábrica. Tal sistema industrial no século XIX, segundo Taylor, era caracterizado por longas pausas e necessitava ser modificado inferindo mais agilidade no desenvolvimento e execução do trabalho. Segundo ele, o controle real do processo de trabalho deveria ser mais bem compreendido pelo capitalista. Com isso, se inicia um processo de análise e de avaliação das maneiras de realização das tarefas entendidas como operações de domínios do saber operário.

Em síntese, Taylor propõe que o processo de trabalho deve ter total controle da gerência capitalista, corrobora também sobre a importância de incentivos individuais nos salários dos trabalhadores ao atingirem padrões sistemáticos estabelecidos pelas gerências das fábricas. Em suma, a aplicação das medidas de Frederick Taylor estabeleceu um grau de eficiência ao processo industrial capitalista, além de intensificar de maneira significativa o desenvolvimento do trabalho, caracterizando-se, num sistema de objetividade e impessoalidade estimulando a individualidade em detrimento do coletivo. Nesta perspectiva, a gerência fabril pauta o controle efetivo do processo de trabalho, manipulando o tempo e os movimentos na realização das tarefas.

Os princípios baseados em Henry Ford, caracterizado como fordismo, retoma o desenvolvimento industrial implementado pelo taylorismo objetivando maior celeridade e mais intensidade no processo de trabalho mecanizado. Entretanto, a principal mudança neste segmento, acontece com a utilização por meio de um sistema de trilhos ou esteiras nos mais variados processos de trabalho, assegurando o pleno deslocamento das matérias em transformação e a fixação dos operários em seus respectivos postos de trabalho.

Por outro lado, com o ordenamento do fluxo de produção dentro das fábricas a partir do deslocamento mecânico das matérias em transformação, o fordismo

estabelece maior rigidez no controle do capital sobre o processo de trabalho industrial. No entanto, com a introdução das esteiras, o controle de tempos e dos movimentos é incorporado ao capital. Em suma, tornando a cadência do trabalho regulada de maneira mecânica externa ao operário, ordenando maior intensidade e controle ao trabalho coletivo. Dessarte, o maquinismo assevera progressiva diminuição do contato direto da força de trabalho e do objeto de trabalho. Por fim, a partir do maquinismo o capital passa a controlar não somente os aspectos externos do trabalho, mas acaba exercendo também algum domínio sobre o conteúdo na realização das tarefas.

Neste modelo, método de produção japonês, também entendido como Toyota de produção, caracteriza-se pelos princípios da “automação e do Just In Time” sob a orientação da demanda, ou seja, só se é produzido à quantidade exata requerida pela procura, além disso, a flexibilização da mão de obra acontece rotineiramente. Nesse sistema, é inserido nas máquinas para a utilização um mecanismo, caso ocorra alguma falha na produção, automaticamente ele é acionado e as máquinas param de funcionar. Todavia, este mecanismo foi criado no sentido de assegurar a inspeção e detecção de erros quando executadas as operações.

O modelo em questão difere do sistema fordista e taylorista devido ao seu grau de complexidade em lidar com seus trabalhadores. Entretanto, neste modelo, a mão de obra demanda de uma especialização para executar diferentes tarefas dentro da fábrica de maneira muito mais aprofundada, diferentemente do modelo fordista e taylorista em que o trabalhador executava uma única tarefa. No entanto, esta forma de trabalho limita a quantidade de trabalhadores consideravelmente para a execução das tarefas propostas no ambiente laboral.

A reestruturação produtiva ²absolveu muito bem estes direcionamentos técnicos do toyotismo. Nas fábricas de calçados, teremos a participação dos “coringas”

² O Neoliberalismo que especialmente no final dos anos 1980, culminando na reestruturação do mercado capitalista, tem sido empregado em economia política e economia do desenvolvimento, estabelece-se como uma reforma de mercado, seus defensores advogam em favor de políticas econômicas extensas, privatizações, livre comércio, a fim de reforçar o papel do setor privado na economia, também servindo no surgimento e estabelecimento das grandes indústrias transnacionais ou pequenas indústrias nacionais a serviço do grande capital estrangeiro, como no caso do Brasil intimamente ligado ao mercado norte americano (O maquinismo e a grande indústria, 1990, página 183).

(pessoas especializadas em várias tarefas) que desenvolverão e estarão aptos a corrigir as falhas e a substituir a mão de obra caso necessite. Neste modelo, temos algo parecido com o velho trabalhador feudal, mas com suas diferenças, se no modelo dos feudos os trabalhadores tinham contato com o objeto do início ao fim, neste modelo, sua especialização será para conduzir a criação dos objetos será de maneira parcelada, mesmo que este trabalhador tenha contato com formas mais amplas na constituição dos objetos. Em suma, estes exemplificados modelos de fabricação industrial nos mostram como ao longo do tempo, suas bases se transformaram e se solidificaram, traçando um longo percurso de aprimoramento para exploração capitalista.

1.4 - As fábricas de calçados no Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo

A história do trabalho industrial nas fábricas de calçados do Brasil alicerça a reestruturação produtiva demandada a partir da década de 1990. No Brasil, os estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo alavancaram o estabelecimento das grandes fábricas de calçados do país³³. Nestes locais, a exemplo do Vale dos Sinos, no Rio Grande do Sul, Nova Serrana em Minas Gerais e Franca São Paulo, muitos trabalhadores venderam sua força de trabalho e, conseqüentemente, esgotaram-se em detrimento do trabalho realizado no interior das fábricas nas décadas de 1960-1980. Somente, em períodos mais recentes, outros estados a exemplo de Santa Catarina, Ceará e Bahia, alavancaram-se como produtores referenciais do setor calçadista.

No ano de 2003, o Vale dos Sinos, consolidava-se como maior polo produtor de calçados, perfazendo aproximadamente 43% da produção em todo o país e 62% das exportações totais, somando um montante de 3.433 empresas, com 129 mil empregados. Vale destacar, que a especialidade de confecção desta indústria calçadista é o sapato feminino.

³³ A produção de calçados no Brasil é fundamentalmente artesanal até o final do século XIX, quando então ocorre o primeiro surto de modernização (1880-1920), que concorre para torna-la uma atividade industrial fabril. No entanto, no fim do século XX, a indústria de calçados localizada principalmente no Rio grande do Sul e em São Paulo, alcança índices de crescimento notáveis, mesmo caracterizada por uma estrutura heterogênea em termos de porte, tecnologia e eficiência. Artigo “O processo de Trabalho na Indústria de Calçados do Rio Grande do Sul,” 2005, pág. 94.

Minas Gerais, grande polo calçadista, possuía em sua composição 824 empresas com 10,4% da produção em todo o país, produtos estes, direcionados quase unanimemente ao uso doméstico. Neste estado, destaca-se Belo Horizonte, especializada na fabricação de calçados femininos e Nova Serrana, grande produtora de tênis e chinelos em material sintético, tendo como suporte profissional mais de 20 mil empregados.

No Estado de São Paulo, na cidade de Franca, destaca-se a fabricação de calçados de couro direcionado ao público masculino, sendo responsável por cerca de 3,8% das exportações totais, chegando ao número de 7,1 milhões de pares. Acrescenta-se ainda, a estrutura produtiva de cluster, isto é, contam também como produtores de insumos, como adesivos, curtumes, solados, máquinas e equipamentos. Destaca-se também o polo de Birigui no Estado de São Paulo, grande produtor de calçado infantil, os números dão conta neste espaço 166 empresas exportavam aproximadamente 3,7% do total nacional.

1.5 - A cidade de Jacobina

Ao pesquisar sobre a saúde do operário calçadista da cidade de Jacobina Bahia, objetivo principal desta obra, se fez necessário adentrar um longo trajeto destrinchando os caminhos percorridos pelo setor calçadista no Brasil. Destarte, para nossa compreensão, cabe mencionar a observação da pesquisadora Sara Farias ao inquirir reflexão sobre o ofício do historiador frente a esta problemática intensificada no século XX, a historiadora evidencia:

A partir dos anos 70 do século XX, os historiadores começaram a produzir novos objetos de estudo, entre eles à doença. Neste sentido, o artigo dos historiadores Jacques Revel e Jean-Pierre Peter, publicada na coletânea dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, inaugura um novo momento na história, entendida não apenas como algo natural, mas como prática culturalmente construída, centralizando sua dimensão social e histórica. Desse modo é perceptível a influência da coletânea de Le Goff sobre os historiadores do Brasil. (FARIAS, 2005.p, 18).

Conforme mencionado, o século XX abre espaço para novas abordagens para a inquirição de novos conhecimentos, sendo a doença bastante pesquisada por diversos pesquisadores das mais variadas profissões, dentre eles historiadores e médicos, enriquecendo de maneira significativa o debate em torno dos problemas advindos da relação humana com o trabalho. Com isso, o historiador

passou a estudar de maneira mais abundante as implicações produzidas a partir do mundo trabalho, sobretudo, dentro das fábricas após a Revolução Industrial.

A reestruturação produtiva, reordenada a partir de 1990, momento em que o projeto neoliberal avançou de maneira contundente praticamente em todo o mundo, encontrou na cidade de Jacobina seu aporte para funcionamento da Fábrica de Calçados Free Way. Neste momento, aconteceu no Brasil um processo de deslocamento das indústrias para as cidades interioranas do país, dentre elas, Jacobina Bahia, cidade localizada a 330 km da grande metrópole baiana Salvador, capital do Estado. Todavia, esta cidade interiorana adquiriu ao longo dos anos de sua formação o status de polo regional de desenvolvimento devido às riquezas minerais presentes neste solo. Entretanto, a relação de exploração do homem a este espaço geográfico se iniciou no século XVII quando bandeirantes se deslocaram para estas terras em busca da extração do ouro. Subsequentemente, no ano de 1880 o povoado chegou a categoria de Vila ganhando ares modernos, seguindo os trilhos do desenvolvimento mundial em torno do avanço industrial. Mais tarde, precisamente no século XX com o avanço do desenvolvimento tecnológico e industrial, é instalada na cidade empresas como a Unigeo, a Anglo American Corporation e a Jacobina Mineração e Comércio que passaram a explorar a extração do ouro, neste momento a cidade passou a receber cada vez mais pessoas que aqui se estabeleciam e tinham o vislumbre de bem estar para sua subsistência. Neste contexto, a Bahia é inserida no cenário industrial para exploração de suas reservas minerais. Para Ramires, nesta ação governamental:

A Bahia fez parte de um projeto político brasileiro de crescimento econômico e industrial, a região metropolitana de Salvador serve como modelo para adotar o centro industrial de Aratu, o polo petroquímico de Camaçari, ou seja, todos projetos nacionais, nesse sentido, Jacobina, entra na modernidade a partir da instalação da Anglo American Corporation. (RAMIRES, 2002.p, 37).

Neste momento histórico, a cidade de Jacobina se insere no imaginário daqueles que buscavam melhorias nas condições de vida, “a cidade do ouro” passa a receber mais e mais pessoas em busca de estabelecimento e melhoria das condições de vida. Destarte, conforme o enunciado, a cidade moderna, com plenas condições de habitação e direito à sobrevivência, está atrelada ao vínculo

empregatício industrial, ou seja, a força de trabalho vendida e explorada nos compartimentos fabris, parcelado, não mais como o modelo agrário anterior.

Assim, a cidade de Jacobina integrou, ou passou a integrar, uma região política e administrativamente bem vista por possuir grande potencial, fornecedor de riquezas para a exploração através da utilização intensa de máquinas. Em suma, o destaque dado às empresas exploradoras de minérios se faz demasiadamente importante devido à relação de seus moradores com o trabalho e a intrínseca generalização feita pelas pessoas ao se referirem acerca do crescimento econômico e social da cidade ligado à indústria. Sob esta ótica, o “desenvolvimento moderno” se instalou, e permaneceu em solo jacobinense, modificando assim, as estruturas de trabalho, suas relações sociais e incorporando outro modelo de vida a uma parcela de cidadãos que adentram no novo mundo, o mecanizado, parcelado, compassado, ou seja, o industrial.



Figura 1: Vista da cidade de Jacobina.

Fonte: Disponível no Google, imagens da internet (2016).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, a população da cidade estava estimada em 79.247 habitantes, estabelecida em um território de aproximadamente 2.359 km², tendo a caatinga como seu principal bioma. Nesta data, a exploração do ouro era realizada pela

empresa canadense multi nacional Yamana Gold Jacobina Mineração e Comércio e o mito “cidade do ouro” ainda prevalecendo intensamente na superestrutura social. Neste contexto histórico de polo regional industrial, a cidade recebe no ano de 2004 uma fábrica de Calçados de médio porte, com a promessa de alavancar mais desenvolvimento para a cidade ofertando aos munícipes e moradores da região oportunidades de emprego conforme afirmativa do então governador do Estado da Bahia Paulo Souto quando visita a cidade ao ser instalada a fábrica.

A cidade de Jacobina devido a grande reserva de minérios, dentre eles o ouro, fora sempre vista e rememorada enquanto sede regional de desenvolvimento, desta forma, a cidade fora apelidada como “cidade do ouro”. Com isso, grandes indústrias ligadas à exploração do ouro estão intimamente atreladas ao desenvolvimento industrial da cidade. Isso, no entanto não ocorreu de maneira contrária, quando o governador do Estado da Bahia fez referência ao relativizar o trabalho com calçados e à extração do ouro ao desenvolvimento da cidade, conseqüentemente a melhoria das condições de vida das pessoas, conforme nota no diário oficial do Estado da Bahia.

“Da mina, o governador seguiu com sua comitiva para a fábrica de calçados também no município, onde visitou as suas instalações. A fábrica calçadista, cuja primeira unidade no estado foi inaugurada a dois anos no município de Terra Nova, produzindo diariamente 2 mil pares de sapatos e empregando 350 funcionários, está absorvendo em Jacobina 150 trabalhadores, com uma produção de mil pares de sapatos por dia. A meta é que em dois anos esses números ampliados para 1.300 postos de trabalhos e 6 mil pares/dia” (Brasil, 2004).

O desenvolvimento da cidade conforme matéria descrita está vinculada ao pleno exercício da exploração do ouro levando-nos a crer que seu crescimento somente será possível com a exploração mineral. Todavia, ao se referir sobre a fábrica o governador fez referência ao desenvolvimento e felicidade estampada no rosto do povo, ele afirmou:

“Hoje estou aqui num dos momentos mais alegres, porque vejo o desenvolvimento desta cidade e a alegria estampada no rosto deste povo que está trabalhando para garantir uma melhor qualidade de vida. Estamos

trabalhando para o povo da Bahia e em benefício dele, dando um exemplo ao resto do país”, disse o governador. (Brasil, 2004).

Ao visitar as instalações da fábrica de calçados, o governador do Estado da Bahia afirmou que a felicidade era enorme devido à instalação do empreendimento. Um dos pontos importantes em sua fala faz referência à qualidade de vida das pessoas e ao sorriso estampado no rosto do povo. Outro ponto a ser observado, é a referência que segundo ele, a Bahia está dando exemplo ao país a partir do advento da fábrica. Mais adiante, veremos sobre esta qualidade de vida e se de fato este empreendimento representa em sua totalidade, benefícios ao trabalhador que adentra suas instalações e vende sua força de trabalho ao capitalista da fábrica. No dizer do governador, somente avanços e bem estar acarretará o trabalho na fábrica, excluindo assim, as possibilidades de aparecimento das questões sociais advindas da relação do homem com o trabalho industrial.

Em linhas gerais, as empresas do Rio Grande do Sul e Sudeste acabaram por se deslocar para a região Nordeste, enquadrando-se num processo de recolocação regional da indústria de calçados por intermédio de incentivos fiscais governamentais. Nesse processo de “acolhimento” as empresas em solo interiorano, procurou-se reduzir os custos adquirindo mão de obra barata em busca de um melhor retorno financeiro do capital.

Capítulo II - AS NORMAS TÉCNICAS DO TRABALHO

2.1 – As Bases Regimentais do Trabalho

Neste capítulo, torna-se indispensável acercar sobre a saúde do trabalhador, denotando informações, contudo, quanto as ações direcionadas a essa temática e para compreensão e reflexão do processo saúde-doença dos trabalhadores. Desta feita, faz-se enriquecedor para dar base a análise, trazer para o campo historiográfico da narrativa, a Classificação Internacional da Doenças em que os trabalhadores se inserem, os mecanismos da legislação brasileira e seus fundamentos teóricos constados nas diretrizes legais e regimentais que operacionalizam e disciplinam como deve ser exercido e qual o amparo legal o trabalhador é inserido.

A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, normalmente chamada pela sigla CID, fornece códigos à uma gama de doenças e de uma imensa variedade de sinais, aspectos anormais, sintomas, queixas, circunstâncias sociais e por outros motivos externos para doenças ou ferimentos. Todavia, deve-se destacar, que a cada estado de saúde é atribuído uma categoria correspondente a um código. No mais, a CID é exposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e é usada universalmente para delimitar estatísticas de mortalidade e morbidade. No entanto, este sistema fora criado para conceder e providenciar a comparação internacional do processamento, classificação e apresentação dos tipos de estatísticas das inúmeras doenças expostas pelo desenvolvimento industrial aos trabalhadores contemporâneos vítimas das diversas anomalias maquinarias para densa produção do capital.

A legislação brasileira, sobretudo a partir dos fins do século XX evocou grande amparo aos trabalhadores em sua legislação, um grande exemplo desta afirmativa se formulou na Constituição Federal da República do Brasil em seu artigo nº 200 designando parâmetros à saúde do trabalhador e, mais tarde, no início do século XXI, evidenciada na lei nº 2.728 de 11 de novembro de 2009, dispondo sobre a Rede Nacional de Atenção Integral de Saúde do Trabalhador (RENAST) dando subsídio aos Municípios, Estados e o Distrito Federal de ampliar a proteção aos trabalhadores e trabalhadoras que dele necessitem.

Todavia, seu artigo 1º elenca sua implementação em todas as esferas governamentais suplantando nos Municípios os Centros de Referência da Saúde do Trabalhador com o objetivo de promover a integração do trabalhador com o Sistema Único de Saúde, basicamente assessorando na realização de convênios de cooperação técnica, financiando a formulação de políticas públicas, atuando no fortalecimento entre a atenção básica de média e alta complexidade para identificação e atendimento dos resultantes de acidentes e agravos relacionados ao trabalho, especialmente, mas não exclusivamente, aqueles contidos na Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho ou de notificação compulsória, pelo menos é o que destrincha a citada lei, exposta como regra oficial aos trabalhadores brasileiros acometidos por doenças relacionadas ou contraídas no ambiente laboral.

Implantado no Município de Jacobina no ano de 2009, o Centro de Referência da Saúde do Trabalhador (CEREST) em sua atualização cadastral no ano de 2012 atendia 38 municípios, desta forma se faz necessário apresentar o papel desta instituição como elemento chave neste recorte histórico, devido ao fato de que muitos trabalhadores acidentados procuravam arrimo aos profissionais deste instituto em busca de soluções para seus mais variados problemas de saúde, como fora o caso do operário calçadista Adenilson Sales dos Santos que por diversas vezes se dirigia aquela entidade em busca de tratamento. No mais, é válido ressaltar o processo reparador deste serviço ao trabalhador que chegava doente, com os mais variados tipos de enfermidades como acima mencionado, passando a necessitar do reparo profissional ao dano causado em seu corpo pelo trabalho industrial aqui pesquisado.

2.2 - O Instituto Nacional de Seguridade Social e a Insegurança Política Distributiva do Brasil

No dia 27 de junho de 1990 é criado no Brasil o Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), instituído por meio do decreto nº 99.350 a datar da integração do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (IAPAS) com o Instituto da Previdência Social (INPS) vinculado ao Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS). Desta maneira, é de suma importância destacar, esta política pública de atendimento

aos profissionais lesionados que acabavam por recorrer seus serviços quando necessitavam. Para tanto, a legislação em tela é bem clara quando se define como anexo de um seguro que tem a missão de garantir a renda do trabalhador contribuinte e de sua família nos casos de gravidez, prisão, morte, velhice, acidente e doença oferecendo muitos benefícios, garantindo mais tranquilidade aos trabalhadores que nas situações acima elencadas procuravam o referido serviço, ao menos, é o mencionado oficialmente pela legislação.

O trabalhador aqui pesquisado, encaixa-se na categoria de beneficiário por doença ou acidente, como tangeu aos casos de uma operária contribuinte para esta pesquisa e do operário Adenilson Sales dos Santos que trabalharam em uma das fábricas na cidade de Jacobina, interior baiano, e tiveram que recorrer ao Instituto Nacional de Seguridade Social quando acometidos por inúmeros problemas saúde, adquiridos no ambiente laboral da indústria de calçados e que a empresa tentou a todo momento descaracterizar a doença. De mais a mais, compete aludir, que estes "beneficiários", ou seja, os privilegiados ou os possuidores dessa regalia institucionalizada, como é definido no sentido da palavra, precisam passar por perícia médica do Instituto Nacional de Seguridade Social e serem atestados como incapacitados para exercer suas atividades laborativas outrora praticada ou em outros tipos de serviços que lhes garantam o sustento.

Reza a legislação do Instituto Nacional de Seguridade Social, que os possuidores deste privilégio governamental, necessitam se submeter as perícias médicas do instituto, para não ter seus benefícios suspensos, mas outro ponto nos chama à atenção, se atribui ao fato de que a legislação garante a perda do seguro, quando o trabalhador beneficiário recupera a capacidade laborativa, estando apto pela perícia médica do Instituto Nacional de Seguridade Social à volta ao trabalho.

Mas, o aspecto demasiadamente relevante a ser destacado nesta narrativa, é o fato da legislação brasileira de seguridade social traçar tais garantias em papel timbrado, mas na vida real uma operária da indústria de calçados, acometida por doença no espaço de trabalho da fábrica de calçados, encontra-se incapacitada para o exercício de atividade laboral e até mesmo para serviços domésticos, esta mesma trabalhadora, teve seu "benefício" cancelado pelo Instituto Nacional de Seguridade Social, ou seja, a política de

seguridade social, mostra-se distante das necessidades daqueles que dela necessitam conforme é estabelecido na letra da lei.

2.3 - O Ministério Brasileiro do Trabalho e Emprego e a Fiscalização das Atividades Laborais

A Consolidação das Leis Trabalhistas, precisamente na seção V deveria servir de fato como parâmetro para que as empresas funcionassem de maneira mais adequada e respeitosa quanto aos direitos dos trabalhadores, respaldados legislativamente, mas controverso nos mais variados ambientes laborais, por outro lado, as funcionalidades regimentais acabam esmorecendo-se no abismo do esquecimento deixando milhares de trabalhadores expostos à própria sorte nos ambientes de trabalho.

Quando instituída no Brasil por Getúlio Vargas no ano de 1943, as leis referentes ao trabalho, disporia de uma série de condicionalidades aos trabalhadores e trabalhadoras em solo brasileiro, vale lembrar que estes direitos foram assegurados depois de muitas lutas e conflitos sociais no Brasil, anos mais tarde, pontualmente em fins do século XX, sobretudo, depois de tantas transformações na própria legislação trabalhista, teríamos também nos dias atuais, ou seja, em pleno início do século XXI, depois da evolução e aprimoramento das máquinas, o aperfeiçoamento das técnicas de trabalho e da globalização sistêmica computadorizada como registrou o saudoso pesquisador Milton Santos em seu livro “Por Uma Outra Globalização⁴”, portanto, nos dias atuais, deveríamos estar providos, de uma gama de fatores protetivos tanto no oferecimento do trabalho pelo capitalista como na venda da mão de obra pelo operário.

A Seção II da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), permite-nos observar, uma seriação gradativa e regimentada da execução do trabalho no interior das empresas. Todavia, no referido artigo rememora-se a

⁴ Todavia, para entender o processo que conduziu a globalização atual, é necessário levar em conta dois elementos fundamentais: O estado das técnicas e o estado da política. Há frequentemente tendência a separar uma coisa da outra. Daí, nascem as muitas interpretações da história a partir das técnicas ou da política, exclusivamente. Na verdade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. A história fornece o quadro material e a política molda as condições que permitem à ação. Na política social, sistemas técnicos e sistemas de ação se confundem e é por meio das combinações então possíveis e da escolha dos momentos e lugares de seu uso que a história e a geografia se fazem e se refazem continuamente. (Milton Santos, 2000, pág. 69).

obrigatoriedade e disposições gerais referentes as matérias no cumprimento dos códigos, de obras e os regulamentos sanitários de segurança e medicina do trabalho nos Estados e Municípios em que se situem as respectivas instituições empresariais, bem como daquelas provenientes de convenções coletivas de trabalho. Ademais, é incumbido pelo Estado às empresas, serem controladas, supervisionadas e fiscalizadas quanto ao exercício da segurança e a medicina do trabalho em todo o território nacional com a instituição das Delegacias Regionais do Trabalho, no caso referente a indústria de calçados de Jacobina, sua jurisprudência está vinculada a Delegacia Regional situada na cidade de Juazeiro Bahia.

A Norma Regulamentadora nº 05, aprovada em 08 de junho de 1978 pela Portaria nº 3.214 e atualizada pela Portaria nº 247 de 12 de julho de 2011 do Ministério do Trabalho e Emprego para agir dentro das empresas é outro mecanismo indispensável ao pleno funcionamento das regras trabalhistas entre empregadores e empregados, pelo menos é a referência instituída pela própria norma, uma vez que operariado disporia de melhores condições de trabalho. No entanto, com a norma regulamentadora surge a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes ou simplesmente CIPA, que no papel tem a missão de atuar na promoção à segurança e saúde dos trabalhadores, esta comissão é interna às empresas e paritária, formada por representantes dos empregados (eleitos pelos trabalhadores) e por representantes designados pelos empregadores, desenvolvendo desta forma, um papel fundamental nas empresas e, conseqüentemente, na vida das pessoas que vendem sua força de trabalho nos mais variados espaços profissionais.

Outro importante mecanismo de proteção aos trabalhadores são os equipamentos de proteção individual. No artigo nº 166 da Consolidação das Leis Trabalhistas, vemos a definição das regras em que as empresas devem se ater quanto ao fornecimento de equipamentos de segurança para os trabalhadores desenvolverem seus trabalhos. Neste sentido, a citada lei disciplina que as empresas devem dispor equipamentos em perfeito estado de conservação e de funcionamento, a fim de que no desenvolver da atividade laborativa os trabalhadores e trabalhadoras tenham plenas condições de exercício funcional estando nos mais variados postos de trabalho.

2.4 - A Vida e o Trabalho: As Doenças dos Operários e Operárias

Nesta parte reflexiva, abordaremos sobre o trabalho e a vida dos operários dentro e fora da fábrica, seus reflexos e inquietudes depois de exercerem atividade laborativa para a indústria de calçados no interior baiano da cidade de Jacobina Bahia. Entretanto, nestes relatos, perceberemos aspectos importantíssimos para a compreensão daquilo que fora instituído na leis e estatutos direcionados aqueles executores das atividades laborativas, bem como, a vida prática, o dia a dia dos diversos trabalhadores, aqui representados pelos operários fabricantes de calçados. Ademais, a fim de instigar ainda mais sobre os aspectos referentes ao trabalho industrial e a vida dos trabalhadores, traremos para o campo de pesquisa, os relatos dos operários e de um médico da cidade que constantemente atendia em seu consultório esses seres humanos que venderam sua força de trabalho para os industriais do calçado.

Antes de mais nada, é imperioso reafirmar, aquilo que o amigo leitor registrará mais adiante na fala do médico que relata a importância contributiva de estudos na área da medicina do trabalho para a prevenção de acidentes nos espaços laborais. De mais a mais, este tema requer bastante cuidado devido à preocupação que esta especialidade médica evidencia em sua essência na prevenção das doenças oriundas do exercício profissional dos diversos seres humanos espalhados por todo o território do planeta, mas que muitos médicos deixam a desejar quando se eximem de representar os direitos dos trabalhadores e acabam sendo uma extensão da empresas quando procurados, ou seja, não atestando seus problemas de saúde, como veremos a seguir diante do relato do profissional da área da saúde fazendo seus rotineiros atendimentos aos diversos trabalhadores que lhe procuravam.

Bom, primeiro é um prazer a gente conversar sobre este tema que eu acho muito interessante e moderno que é a atualização do atendimento principalmente ligado a medicina do trabalho e eles me procuravam normalmente como clientes, consulta médica, em horário de consulta normal e as queixas eram as mais variadas que existiam, mais quase todas eu sentia que se dirigiam mais para as lesões repetitivas, efeito LER/DORT e também, efeitos que tinham sobre o aparelho respiratório, principalmente sobre, como

se fosse uma Rinite, eu pensava mais na Rinite tipo alérgica e também para afecções do aparelho respiratório, agora o principal, aliás a principal a queixa que eles sempre ligavam eram dores ligadas a coluna vertebral em todos os sentidos, mas principalmente na região cervical e na região lombar e também no membro superior ou ombro, ou punho, ou no cotovelo que eu pensava muito em LER, lesões repetitivas, basicamente eram essas queixas e basicamente eram esses os fatos que se repetiam, eu tinha uma quantidade boa de pessoas de lá, atendendo mais homens (F.M.).

O relato médico evidencia que os trabalhadores se queixavam de problemas na coluna vertebral em todos os sentidos, principalmente na região cervical e região lombar, e também no membro superior como ombro, punho e no cotovelo, por esta razão, ele pensava em diagnosticar seus pacientes como possuidores de LER/DORT, (Lesão por Esforço Repetitivo), nesse sentido, o profissional relata a importância dos estudos voltados para a área da medicina do trabalho⁵.

Eu gostaria justamente que, torcer para que realmente as empresas que realmente investissem em trabalhos de pesquisa que dessem segurança ao trabalhador, não sei se a área de medicina do trabalho teria condições de tomar a frente de um trabalho desse e, também, pessoas interessadas em propor isso e levar a frente esse tipo de trabalho de maneira muito tranquila, porque pode acontecer um tipo de disputa, a empresa pode querer se defender sem usar certos métodos que são em favor tanto da empresa quanto do trabalhador, sem levar para uma disputa ou para uma parte política ou até ideológica vamos dizer assim, então que se chegasse a um tipo de acordo e chegasse esse tipo de estudo e se chegasse descobrir porque realmente esse tipo de atividade econômica né tem provocado essas coisas de (LER), eu torcia para que fosse realidade isso, ia justamente evitar acontecer tanta coisa ruim como tem acontecido (F.M.).

⁵ Medicina do trabalho é a especialidade médica que atua com as relações entre homens e mulheres trabalhadores e seu trabalho, visando não somente a prevenção dos acidentes e das doenças do trabalho, mas a promoção da saúde e da qualidade de vida. Tem por objetivo assegurar ou facilitar aos indivíduos e ao coletivo de trabalhadores a melhoria contínua das condições de saúde, nas dimensões física e mental, e a interação saudável entre as pessoas e, estas, com seu ambiente social e o trabalho.

No mais, é importante destacar, que antes da indústria de calçados se instalar na cidade de Jacobina, no início do século XXI, sua matriz organizativa eram polos de Franca em São Paulo, Minas Gerais e na região do Vale dos Sinos no Estado do Rio Grande do Sul. Nestes grandes centros urbanos, a fabricação de calçados ocorreu inicialmente de maneira intensa, paralelamente a isso, agravos relacionados a saúde do trabalhador também sucederam de forma bastante rápida, por este motivo, podemos afirmar que o empresariado do calçado na cidade de Jacobina tinha pleno conhecimento dos futuros problemas de saúde que estavam sendo enfrentados pelos operários e operárias.

As LER/DORT podem ser controladas se forem diagnosticadas no seu início e tiverem o tratamento adequado. Desta maneira, é bom ressaltar que segundo para a literatura médica, temos casos inclusive de cura se o caso for diagnosticado e tratado corretamente logo no começo, além, é claro, do afastamento de imediato dos trabalhadores e trabalhadoras das condições de risco que ocasionaram o caso. Mas, infelizmente, a grande maioria dos casos que tomamos conhecimento já são crônicos, sem possibilidade de cura, uma vez que foram diagnosticados tardiamente. No entanto, vejamos o depoimento dos trabalhadores sobre o problema oriundo das Lesões ocupacionais.

Em momento algum alguém falou que sobre os perigos que a gente corria cada um na sua atividade, se você poderia adquirir uma doença de garganta, se você poderia adquirir uma LER, se você poderia adquirir um cisto, uma doença na coluna, se você poderia afetar alguma coisa no seu pescoço algum osso, até sua visão, sua audição por causa da zoadas das máquinas, o cheiro da cola, o sistema respiratório, se você poderia adquirir uma infecção ou bactéria por causa do couro, porque por ser produto de um animal ele passa por vários períodos químicos, então a própria química que foi usada nesse couro, não é motivo para se adquirir alguma coisa? Na época eu me lembro, que a cada dois meses minha garganta inflamava, isso é verídico, se eu procurar minha esposa ela vai dizer que é verdade, todos os meses que eu ia fazer exame eu questionava doutor a minha garganta está inflamando direto, eu me lembro que ele respondeu, isso aí é alguma reação que a sua garganta está tendo pra lhe proteger de alguma coisa, questionei ainda será que não motivo de operar, ele disse precisa não se a sua garganta está reagindo à alguma química ou na cola você que trabalhava com cola, então

seu corpo está fazendo um processo, depois que eu saí de lá reduziu bastante, as inflamações de garganta, as dores no braço, foram reduzindo, eu só sinto hoje a dor nos braços se algum movimento eu pagava um peso que sobrecarrega, por exemplo, quando você adquire uma lesão é pro resto da vida, você afeta um nervo, um osso, um tendão, não é como a peça de um carro que você pode trocar, oxe minha garganta melhorou e não precisou operar realmente (R.O.).

Por parte da empresa, a empresa só falou quando a gente que tava adentrando, nós questionamos sobre os riscos de adoecer né, que todo mundo sabe que tem os riscos, a empresa nos falou, isso foi palavra da gerente, que algumas pessoas tinha capacidade física de se adaptar ou não com as atividades né, não falou a respeito de LER, ou problemas respiratórios não (A.S.).

Os depoimentos dos operários da indústria de calçados evidenciam traços marcantes da jornada desgastante de confecção de sandálias e sapatos. Entretanto, na fala do depoente número um, é relatado não só a respeito da LER/DORT, mas das inúmeras doenças contraídas no ambiente laboral, na qual, o depoente registra seus problemas depois de ingressar no interior da fábrica. Contudo, no segundo depoimento, observamos que a empresa teceu pequena informação sobre a LER/DORT, mas deixou claro que a capacidade adaptativa de algumas pessoas prevaleceria no espaço de trabalho, não informando da possibilidade de se adquirir outras doenças quando fora questionada pelo segundo depoente daquela unidade fabril.

A reestruturação produtiva transformou demasiadamente as relações de trabalho, uma vez, que esta jornada de trabalho intensificou o ritmo da vida humana e o exercício da atividade produtiva no interior dos ambientes laborais. Conquanto, a Consolidação das Leis trabalhistas (CLT) garante o efetivo trabalho de 44 horas semanais aos trabalhadores brasileiros. Trabalho este, realizado de segunda à sábado, com horário diminuto para o almoço, a exemplo nos depoimentos dos operários como a empresa driblava a lei e estabelecia amplas jornadas de trabalho, deixando o trabalhador refém do pleno exercício funcional.

Já o horário de descanso não adiantava nada a gente parava 15 e depois trabalhava mais 15, eu me lembro na época que era das 12 às 4:30 depois quando acrescentou os quinze minutos de descanso foi pras 4:48, esses 15 minutos foi adicionado, ou seja, que descanso foi esse, se é realmente horário de descanso, ou seja, o horário do almoço incompatível era pra ser no mínimo 01:30 pra você gastar essa meia hora no trânsito de ida e vinda pra você vim em casa almoçar, o que você ainda corria risco de se acidentar por ser um período curto você ter que exigia velocidade maior pra chegar em casa voltar e almoçar, não dava tempo nem de você fazer suas refeições, eu me lembro quando eu possuía moto que eu vinha em casa almoçar, eu malmente almoçava tomava um banho e voltava (R.O.).

Trabalhamos 09:48 minutos por dia, pra não precisar trabalhar o sábado, as vezes pra fazer hora extra ia no sábado pra trabalhar 02:00 horas de relógio ou 04:00 horas 05:00 horas de relógio e as vezes até durante a semana trabalhava até 19:00 horas da noite, 20:00 horas da noite, na hora do almoço eu almoçava no restaurante porque esquentavam as comidas, esqueci onde esquentavam as comidas e era ruim, as vezes ficava muito aguada como se tivesse um vapor dentro, a comida ficava ruim demais, o tempo muito pouco, 01:00 hora muito pouco demais, malmente dava pra você ir no restaurante, quase dez minutos pra ir, pra voltar o tempo era muito pouco, porque 11:55 já tinha que tá no ponto, já tinha que tá no pé da esteira (A.S.).

Eu entrava 06:40 da manhã, saia 11:00 horas, retornava 11:45 e saia 16:45 a tarde tinha um intervalo de 14:15 até 14:30 que foi inserido depois não foi o tempo todo assim não, eu creio que por problemas com a Justiça do Trabalho mesmo, chegava a ser mais de 08:00 horas porque a gente compensava o final de semana, sábado e domingo, então a gente trabalhava pra compensar esses dois dias que não trabalhava, eles diziam que o sábado e o domingo era o descanso semanal remunerado, só que não era, a gente já tinha compensado durante a semana (R.M.).

Os depoimentos revelam informações pertinentes para entendermos a jornada de trabalho dos operários. Com uma jornada excessiva, ultrapassando as oito horas diárias, notamos que semanalmente os trabalhadores ficavam muito tempo dentro da fábrica de calçados, chegando no local de trabalho bem cedo, com pouco horário para fazer suas refeições e até

mesmo descansar após uma atividade e outra realizada no trabalho. Outrossim, uma questão fundamental colocada pela empresa aos trabalhadores, ocorreu com a jornada de trabalho estendida às 08:00 horas diárias com a alegação de descanso do sábado e até do domingo conforme relato.

A reestruturação produtiva com toda certeza deve ser discutida. Como vimos no início desta pesquisa, o trabalho industrial passou por muitas fases desde a manufatura ao aprimoramento do trabalho no modelo toyotista. Entretanto, os trabalhadores polivalentes da contemporaneidade estão a cada dia tendo mais agravos de saúde a partir da intensificação do ritmo de trabalho herdado pela introdução da esteira de Henry Ford, isto não só eu afirmo, mas os diretamente afetados pelo "avanço industrial".

No setor em que eu trabalhava o ritmo era mais psicológico, mas as vezes pelo ritmo da esteira estar muito rápido, a esteira as vezes ficava parado esperando nois dar material de trabalho, então querendo ou não éramos afetados pelo ritmo da esteira que a gente tinha que adiantar o nosso, querendo ou não nos forçava a trabalhar, já que a esteira está parada libera as fichas que a gente tem adiantar, muitas pessoas não conseguiam o ritmo da esteira, tinha pessoas que pra poder ir no banheiro fazer suas necessidades tinha que pedir pra que outro ficasse no lugar porque se ela saísse e fosse no banheiro sem avisar a esteira parava porque o serviço dela é importante, todo mundo que tá ali sentado em suas cadeiras ou em pé tinha que fazer seu serviço, se não fazer a esteira para, quando a pressão sobre produção era muito excessiva, aumentava-se mais ainda o tempo da esteira, vamos supor se no dia fizesse mil sapatos, no outro fizesse mil e duzentos, aumentava-se o tempo da esteira, para que as pessoas trabalhassem mais, ai ficava naquele automático, tanto quando diminuía o tempo da esteira que era de 120 sapatos para 800 , tinha gente que dava até sono porque ficava muito lenta, mais como tinha que aumentar realmente era botado querendo ou não pra forçar a pessoa a trabalhar mais, porque nem todo mundo tem o mesmo ritmo de fazer um serviço ou então de aprendizagem né, cada quem tem seu tempo e lá você tem que se virar nos trinta mesmo, linha de produção né fácil não, querendo ou não uma esteira puxava todo o resto da empresa, se a esteira está rodando mais rápido produz-se mais, precisa-se de mais peça, precisa-se de mais mão de obra e que as vezes não tinha, então o

que tá lá que tinha que dar conta mesmo, não tinha pra onde correr não (R.O.).

Eu trabalhei em muitas atividades, primeiro preparava solado, trabalhava com cola, calçava as sandálias, os sapatos colocando nas formas, já trabalhei martelando também solado, couro e separando os materiais pra colocar na esteira, são muitas as atividades não dá nem pra enumerar, trabalhava com produto químico, mexia com uma cola e eu lembro de um coroinha aqui da igreja que ele só aguentou trabalhar um dia, no outro dia ele tava sentindo dor no estômago, e ele pediu pra sair, ele só aguentou um dia, assim quando a gente entrou lá e nem sempre os EPIs eram os corretos pra manusear os produtos químicos (A.S.).

Eu colava peças do cabedal do sapato que é a parte de cima, com cola de sapateiro, a maioria das vezes era sentada, não era tranquilo, havia pressão porque nós tínhamos uma quantidade estipulada de pares para produzir por dia, meu setor eram 700 pares, então tinha que dar conta pra fazer isso, nós tínhamos 08:00 minutos pra fazer 12 pares que equivale a 24 peças, então a pressão lá era grande, tanto do supervisor quanto do gerente de produção (R.M.).

Nesta parte das entrevistas, nos chama à atenção ao fato dos trabalhadores estarem lidando diretamente com o produto químico da cola de sapato. Produto este, que pode levar a amplos problemas de saúde, principalmente complicações respiratórias, sobre este fator, o médico entrevistado enfatizou alguns resultantes de seus pacientes sobre esta relação do homem com seu objeto de trabalho.

As queixas eram mais existentes no membro superiores ombro, cotovelo e punho, queixas ligadas ao aparelho respiratório, principalmente eu pensava em Rinite e, agora, associado a isso vem as dores de cabeça, tonturas, aí a gente pergunta como seria a base fundamental principalmente da tinta que eles usam né, eu não conheço bem o funcionamento da fábrica, eu não sei como eles ficam expostos algum tipo de cheiro, alguma coisa que prejudique, que talvez seja esse o motivo que pudesse justificar o aparecimento desse tipo de doenças que nós falamos, mas era basicamente isso aí que acontecia, esse tipo de queixas e de sintomas que acontecia (F.M.).

O médico deixa claro que os problemas de seus pacientes, principalmente relacionados ao aparelho respiratório, tonturas, dores de cabeça, podem estar relacionados ao uso das tintas naquele espaço industrial. Desta forma, os depoimentos vão se cruzando e confirmando as suspeitas de que as condições do trabalho industrial fabril devem ser modificadas, caso contrário, mais seres humanos entrarão na fila das pessoas doentes em decorrência dos acidentes e incidentes laborais.

Mas inquieta-nos saber, como ocorreu a funcionalidade e o trabalho da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA) dentro empresa, uma vez que, esta, como apontada no início deste capítulo, possui caráter estritamente organizativo, favorecedor às plenas condições de trabalho aos seus praticantes profissionais, bem como, regulador prático das normas de segurança em nome da empresa perante as leis estatutárias de proteção laboral vigentes no país. Contudo, os depoimentos dos trabalhadores fabris nos revelam suas visões sobre este instrumento de poder no espaço de trabalho.

CIPA tinha, mas creio eu que a CIPA as empresas têm hoje mais porque hoje a lei obriga, porque o técnico de segurança por ele ser diretamente com a CIPA lá ele obedecia o que a empresa queria, então ele não fazia o que realmente a lei quer, tinha-se a CIPA os candidatos se cadastrava, tinha eleição, essas pessoas, esses cipeiros era quem nos representava, mas como eles iam conseguir algum benefício se a empresa não aceitava praticamente, você como cipeiro expõe suas ideias e o cipeiro tinha que expor suas ideias contra a empresa, os cipeiros leva pra empresa aquilo que os empregados não acha bom e na maioria das vezes a empresa não aceitava, ele um técnico de segurança formado de idade, aconteceu o que acontece com todo mundo que tiver contra as empresa, demitiram porque ele viu que lá tinha algumas irregularidades que falava pra ver nitidamente, ele trabalhava por nós ele nos ajudava, ele escutava a gente direitinho, ele dava opiniões o que que vocês acham que tem que mudar, a gente dava opiniões a ele, oh, aqui a gente sente muitas dores nas pernas muito tempo em pé, a mulherada sentia dor nas costas, tinha que se arrumar umas cadeiras mais confortável, uma posição certa, porque a maioria do trabalhador lá a posição não é boa, a maioria sempre é com a coluna torta, o pescoço baixo, ele tentou, tentou mudar e a empresa viu que não valia a pena e acabaram liberando ele e ai ficou só um, só que era

aquele que não tinha o poder de ir contra a empresa, recém formado, não tinha adquirido seu lugar no mercado (R.O.).

Hum, tinha, como o nome mesmo diz né, Comissão Interna de Prevenção a Acidentes, eles deixavam muito a desejar, principalmente o técnico de segurança da época, toda vez que entrava um técnico lá que trabalhava corretamente eles tiravam, o técnico lá tinha que falar a linguagem da empresa, como te falei, colocar os equipamentos de segurança como determina nas embalagens esse tipo de coisa, também quando alguém adoecia lá eles não tinham aquele cuidado de levar pro hospital essas coisas e o que era pra ser um diálogo diário de segurança era um diálogo semanal de segurança, deixava muito a desejar (R.M.).

A CIPA é pra fazer a proteção ali dos funcionários né, vê como é que tá a sinalização, se tão usando os EPIs ou cobrar também os EPIs, encaminhar o funcionário que tá passando mal né, dá assistência, quem entrava na CIPA entrava pra não perder o emprego pra ficar mais 02 anos trabalhando, garantido né, não entrava pra defender ninguém, entrava pra não perder o emprego, quem entra na CIPA lá é pra isso (A.S.).

Diante das afirmativas dos trabalhadores, percebemos que o trabalho da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), acaba por favorecer a degradação das condições de trabalho da indústria de calçados. Conquanto, na contramão daquilo que diz a Norma Regulamentadora nº 05, aprovada em 08 de junho de 1978, sobre o trabalho paritário dos "cipeiros", estes deveriam obedecer às normas legais para o desenvolvimento do trabalho e com segurança. Mas, infelizmente, o que se registra nestes depoimentos é o congraçamento da representação dos trabalhadores e dos representantes da empresa na (CIPA), deixando de lado as práticas saudáveis e legais do trabalho, além de extenuar drasticamente o fôlego vital dos vendedores da mão de obra fabril numa superexploração violenta e desumana.

Sobre a atuação dos técnicos de segurança dentro da empresa, os trabalhadores também revelaram seus olhares ante o trabalho daqueles que tinham o dever de coibir futuros danos à saúde dos operários, relatando como ocorreu o desempenho profissional daqueles que tinham por missão legal os defender.

Assim que o trabalhador entra o técnico fazia uma reunião, explicava a questão dos EPIs, como trabalhar, manter o setor limpo, mas pra tá junto ali no dia a dia e entender a necessidade do trabalhador não acontecia não, como eu mesmo coloquei para um técnico que tinha lá sobre a questão do banheiro, que um dia eu precisei ir no banheiro o auxiliar não tirou meu banheiro e eu passei pra ele e o técnico não trouxe nenhuma resposta, ele disse que só era com a gerência e que não podia fazer nada, isso por duas vezes e a questão do EPIs né, as vezes pedia Bota, pedia Luva e ele dizia que não tinha como, ele só falava que era gasto para a empresa, era sempre a frase dele, é gasto pra empresa (A.S.).

O equipamento que no meu setor usava era máscara de carvão ativado, o protetor auditivo e o creme de proteção da pele é um creme específico pra trabalho industrial, a máscara tá escrito na embalagem que deve ser trocada todos os dias após a jornada de trabalho, a gente chegava a usar uma máscara por uma semana, o técnico de segurança não trocava, os protetores auditivos que precisava ser constantemente trocados, eles só trocavam se quebrasse, ainda ameaçando a gente que a gente ia ter que pagar (R.M.).

Eu não sei na época eu não questionei se tinha como botar um novo método, um material que tivesse mais aderência pra o meu setor pra que eu pudesse trabalhar, eles pediam muito pra usar luva, se eu usar luva eu perco o tato, não consigo segurar as peças, eu fazia o teste, você pegava assim e ela caia, por causa do muito uso ela criava uma película fina, muito usada ficava deslizando, então você não tinha o contato, por isso que eu acabei me ferindo e quando eu me ferir se eu tivesse com a luva não ia me adiantar em nada porque a luva era uma luva de pano, só se fosse uma luva de aço, o que seria incompatível com a atividade, o EPI era cedido, mais nem sempre o EPI deixava você trabalhar, tinha EPIs mas não dava pra usar diretamente, mas a luva em nosso setor não dava não, eu tinha calos na lateral dos dedos, tinha EPIs, tinha técnico só que não podia ser muito atuante, porque se fosse atuante a empresa não gostava não (R.O.).

As narrativas apresentadas pelos trabalhadores⁶, trazem a cena, o desenvolvimento de seus trabalhos com os equipamentos de segurança. De fato, os Equipamentos de Segurança Individuais (EPIs), ofereciam mais tranquilidade aos operadores industriais do trabalho, contudo, nos relatos, acompanhamos uma série de negligências praticadas pelos Técnicos de Segurança quando não ouviam os operários em suas queixas sobre o devido uso dos equipamentos, pelo contrário, percebemos o uso do poder a favor da empresa, tornando cada vez mais difícil o enquadramento técnico e seguro dos trabalhadores.

Desta forma, as evidências das condições de trabalho dos operários da indústria de calçados na região de Jacobina, interior baiano, nos mostram que a cada passo dado nesta pesquisa, nos relatos dos trabalhadores e nos ditames reguladores e normativos que alicerçam as regras nacionais para o desenvolvimento do trabalho humano, acham-se bastante distantes quando refletimos fazendo comparação das fontes orais diante daquilo que está escrito na letra do ordenamento jurídico. E, finalmente, concluindo este capítulo, sigo elencando a importância da pesquisa histórica comprometida com as transformações sociais que vem ocorrendo no século XXI, sobretudo no mundo do trabalho a partir das contradições materiais existentes, expostas, dadas, que devem ser seguidas e perseguidas por aquelas e aqueles inconformados com a realidade posta pelo capital. No mais, seguiremos, concluiremos no capítulo seguinte nossa visão acerca das condições de trabalho dos operários e operárias calçadistas.

⁶ Ao mesmo tempo o trabalho com história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo, porque está atrelada a construção de sua identidade. Ela, [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história da memória de pessoas ou grupos, possível de ser estudada por meio de entrevistas de História Oral. Fontes Oraís, Verena Alberti, Coletânea: Fontes Oraís.

CAPÍTULO III - A ESTRUTURA DAS CONDIÇÕES DO TRABALHO INDUSTRIAL

3.1 - A Representação Coletiva dos Trabalhadores

Neste capítulo discutiremos sobre as condições de trabalho dos operários e operárias calçadistas, faremos uma reflexão abordando como as representações coletivas imprimem sustentação nas disputas pelo espaço e visão social dos sujeitos. Nesta perspectiva, descortinaremos as nuances estabelecendo a confabulação entre os preceitos hierárquicos das classes que exploram com a fabricação do calçado e o representado pelos receptores que vendem sua força de trabalho ao explorador calçadista no interior de seus empreendimentos industriais, desse modo, a representatividade do produto acabado da fábrica move-se contrariamente no discurso e vida na práxis dos trabalhadores, nesse sentido, as disputas, os estabelecimentos historiográficos das representações merecem destaque.

A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é. Assim desviada, a representação transformar-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta: "Só os homens de guerra não estão disfarçados assim, porque na verdade a sua parte é mais essencial: estabelecem-se pela força ao passo que os outros o fazem pela aparência". (CHARTIER, 1991, p.186).

Ao analisarmos as condições dos trabalhadores da indústria de calçados, devemos atentar nosso olhar, ao amplo apelo comercial com seus escritos e símbolos perpetrados pelos capitalistas donos das empresas e daqueles que de alguma forma interferem nestas disputas para a obtenção de grandes lucros monetários com a venda da imagem de seus produtos. Todavia, como os tempos de guerra se passaram, pelo menos momentaneamente, os combates contemporâneos passam a vigorar em outros campos de batalha, hoje, no Brasil,

alguns estão ganhando, outros tantos, perdendo a referida batalha dos e pelos signos sociais. Nesta monta, segue parte desta guerra pelo controle da superestrutura dos povos, aonde marginais e marginalizados se confundem, trabalho e saúde passam a integrar os espaços de embates, assim sendo, sinalizou o então Governador do Estado da Bahia Paulo Souto no ano de 2004 quando visitou uma fábrica calçadista recém instalada em Jacobina, fazendo referência "ao grande empreendimento gerador de extrema felicidade", que estampada na cara dos trabalhadores, "traria mais qualidade de vida aos munícipes".

O novo modelo econômico de reestruturação produtiva, exige dos agentes financeiros, sugadores do fôlego vital dos homens e detentores dos modos de produção capitalista, uma competição progressiva e intensa pelo estabelecimento de seus empreendimentos financeiros. Nestes jogos de palavras e imagens, seus símbolos disputam espaço cotidianamente nos ambientes sociais caracterizando uma coletividade. Nesse sentido, vejamos a seguir, como uma grande empresa, da qual uma das fábricas de calçados situada na cidade de Jacobina fez referência ao trabalho humano calçadista em uma de suas revistas anuais.

Nosso objetivo é ser um modelo de empresa que considera o meio ambiente e a sociedade como parte do negócio e o nosso compromisso é preparar novos caminhos para um futuro melhor, pois cada gesto realizado hoje refletirá no amanhã. Ao longo do processo de produção nos preocupamos em utilizar as melhores matérias-primas aliadas a práticas de consumo consciente. E vamos muito além disso...Trabalhamos com processos que não agridem a natureza e buscamos a contínua valorização do ser humano. (BRASIL, 2013/2014, pag.56).

Buscar a contínua valorização do ser humano constitui tarefa fundamental da empresa, segundo a afirmativa.

Desse modo, o bem-estar de todos apresentado na visão de sua marca industrial aos diversos leitores, evidencia também um certame pelo imaginário social⁷, trazendo tons de responsabilidade com aqueles e aquelas que trabalham

⁷ Segundo os princípios que regem a história cultural proposta por Roger Chartier, se destacam os seguintes pressupostos: existência de categorias que organizam e constroem a representação do real como uma prática

nas fábricas, mas divergente quando confrontados com os registros orais do médico que acompanhou os trabalhadores e dos próprios operários ao retratarem sobre as condições e o espaço de trabalho na empresa.



Figura 2 – Protesto dos operários de calçados em 2014.

Fonte: Site Google disponível na internet (2018).

Desse modo, o bem-estar de todos apresentado na visão de sua marca industrial aos diversos leitores, evidencia também um certame pelo imaginário social, trazendo tons de responsabilidade com aqueles e aquelas que trabalham nas fábricas, mas divergente quando confrontados com os registros orais do médico que acompanhou os trabalhadores e dos próprios operários ao retratarem sobre as condições e o espaço de trabalho na empresa.

social; a percepção do real não é um processo objetivo e transparente, mas ao contrário, é determinado por categorias partilhadas por determinado grupo social, as quais permitem entender, classificar e atuar sobre o real. Tais categorias constituem uma instituição social, na medida em que são dados ligados a grupos sociais, os quais buscam atender a interesses específicos. Desta forma, o resultado é que a representação do real construída por diferentes grupos sociais tende a legitimar e a justificar determinado lugar social e ao mesmo tempo a própria representação aí em jogo. No entanto, toda representação social aspira hegemonia que busca se impor aos demais grupos sociais, submetendo a estes últimos os seus valores e conceitos, é a chamada dominação simbólica. Estudos Avançados, 1999.

As vezes era espaçoso as vezes não, porque tinha um processo que deveria fazer no sapato ou na sandália assim que tivesse saído da mão do outro funcionário, como por exemplo, passar por dentro do forno, tem que dar continuidade no serviço com produto numa temperatura ambiente que é quente devido ao forno e não era confortável, muitas vezes, porque tinha que trabalhar em pé, pra empresa quem trabalha em pé produz mais né, tem maior desenvoltura de que quem tá sentado, fazendo uma análise de todo o contexto e das conversas que tinham, entre os supervisores a direção, como um dia já falaram a gente que a gente em pé trabalhava mais e a gente bateu na tecla e resistiu pra trabalhar sentado porque era melhor e a gente só trabalhava sentado mesmo com a empresa querendo que a gente trabalhasse em pé (A.S.).

Horrível, não tínhamos exaustores, a questão dos exaustores se colocasse ia ter crime ambiental com o cheiro da cola, os solventes, ia pra camada atmosférica, então poucas janelas, a iluminação era suficiente, mas a temperatura não, muito abafado, naquele tempo quente, mês de novembro, dezembro, janeiro era insuportável, sem ar condicionado, sem ventilação quase nenhuma e ainda tinha gente que trabalha nos chamados fornos, eu já trabalhei numa destas partes, eu recebia uma temperatura de 120 graus da cintura pra cima, eu evitava até ir no banheiro pra não ter que lavar as mãos pra não dar choque térmico e nem beber água, quando eu fazia hora extra as vezes eles me colocavam em outro setor, porque eu desenvolvi bem várias habilidades lá dentro e eles me colocavam em outros lugares pra ajudar o pessoal, principalmente na preparação, no meu setor eu fazia tudo, trabalhei em todas as máquinas, eu trabalhava numa mesa sentada e não dava nem na altura nem no tamanho, tinha vez que eu trabalhava com a coluna solta, fazendo força na parte lombar, a cadeira muito baixinha e a mesa muito pequena, então era totalmente desagradável, o médico do trabalho falou várias vezes sobre isso, pediu rodízio de funções desde 2009 que foi quando eu descobrir que tava doente, mas eles não faziam rodízio de funções não, eu permanecia no mesmo local, em condições impróprias (R.M.).

Os depoimentos mostram como a empresa tratava seus funcionários, sem rodízios de funções como declarou a operária, exercendo suas funções com postura incorreta tal e qual afirmou o operário. Ademais, na matéria a empresa declara seu compromisso com as práticas ambientais, mas contraditoriamente

no registro oral de um dos operários, é dito que o espaço laboral não possuía exaustores, deixando o ambiente completamente abafado a partir dos fornos com as altas temperaturas e da emissão dos produtos químicos como a cola de sapato, deixando os "colaboradores da empresa" expostos às distintas mazelas provocadas pelos eventos apresentados.

É preciso entender, que a reestruturação produtiva no Brasil conduziu consequências à saúde dos trabalhadores. Este processo, que tem conduzido à precarização das relações e das condições de trabalho, a acentuação do ritmo, à perda de postos de trabalho, tem agravado o quadro de doenças e riscos de acidentes nos espaços laborais. Contudo, a análise da questão que envolve a saúde dos trabalhadores perpassa pela investigação do processo de trabalho, ou seja, pelos estudos da relação do ser humano com os modos de produção. A representação coletiva dos trabalhadores que a empresas calçadistas tentam transmitir aos consumidores de seus produtos, ocorre como já mencionado, de maneira bastante contraditória, uma vez que seus símbolos imagéticos e textuais, não coadunam com a prática laboral de seus operários. Nessa sequência, a indústria novamente direciona seu olhar àqueles que porventura venham a consumir seus produtos.

A receita do sucesso mistura a visão humanista do seu presidente com uma grande preocupação com a saúde e lazer de seus colaboradores, a empresa valoriza muito o ambiente de trabalho. Assim é a empresa que alia a produção de calçados e acessórios a um espaço diferenciado com centenas de colaboradores, seja na matriz em Franca (SP) ou na filial em Jacobina (BA). As duas unidades concentram quase 700 funcionários, a receita do sucesso é a visão humanista do presidente, um local de referência para trabalhar, além dessa visão, contempla uma grande preocupação com a saúde e o lazer dos colaboradores e consumidores finais do produto (BRASIL, 2014, pág. 42).

A precarização das relações de trabalho, como o trabalho temporário, as demissões, desemprego, terceirização, supressão dos direitos sociais e trabalhistas são manifestações efetivas das escolhas perpetradas pelos donos dos meios de produção. Ante estas ações apresentadas, encontra-se a ideia ilustrada de como o trabalho será

desenvolvido, aqui evidenciada pela indústria da forma correta e responsável, humanizada, sustentável, mas amplamente contrária, quando refletirmos sobre as afirmativas dos operários e, também, quando consultamos registros dos vários processos judiciais trabalhistas impetrados pelos diversos trabalhadores calçadistas.

As máquinas eram velhas, inapropriadas, por exemplo, tinha uma calçadeira pra calçar os sapatos, era um pouquinho acima do meu peito eu tenho 1 metro e 68, era um pouquinho acima e ai fazia muito esforço braçal e forçava muito os cotovelos, devido a isso eu até senti o cotovelo e uma parte aqui da clavícula, um osso, eu sentia uma dor fininha por causa dessa máquina, dessa calçadeira e até hoje eu sinto o cotovelo, quando eu tô cortando o cabelo as vezes cansa (A.S.).

Todos, porque todos trabalham com movimentos repetitivos, no caso meu mesmo eu trabalhava com pistola de ar comprimido, eu o mesmo movimento de duas a três mil vezes por dia, um dia uma máquina puxou o cabelo de uma colega e arrancou o cabelo dela, ela saiu de lá com hemorragia foi pro hospital e a gente já viu muitos colegas desmaiando, passando mal por causa do cheiro de cola, coisas assim, queimaduras, cortes, pequenos cortes sempre acontecia lá (R.M.).

Já presenciei alguns já, um deles, mulheres desmaiando por causa do cheiro da cola, as vezes não se alimentavam bem, porque trabalhar com cola tinha que se alimentar bem, outra, por não estar adequadamente vestida, digamos assim, com seus cabelos amarradinhos, trabalhando com máquinas que tem correia, ela se debruçou pra pegar alguma coisa que caiu no chão e a máquina pegou o cabelo dela, ela na hora tomou um susto ficou lá gritando de dor e a máquina agarrado no cabelo sobre a máquina, é tanto que desligou a máquina, teve que cortar o cabelo dela que realmente é uma perda no couro cabeludo, ficou algum tempo afastada, isso foi gerado uma CAT e depois ela retornou ao trabalho, outro cortes, operário se cortando, pessoas por causa do corte desmaiando (R.O.).

Os trabalhadores apresentaram inúmeras questões referentes exercício do trabalho industrial. Questões estas, que evidenciam uma precariedade das máquinas e, conseqüentemente, na execução do trabalho industrial, diferentemente daquilo apontado pela empresa ao apresentar-se em uma de

suas revistas representativas enquanto dirigente responsável de uma coletividade.

Assim como o exemplificado inicialmente nesta pesquisa, o trabalhador contemporâneo necessita desenvolver altas a polivalência segundo o modelo toytista, o modelo de trabalho japonês, em suma, outro ponto que deve ser observado para inquirir debate sobre condições de trabalho, ocorre com as extensas cobranças dos supervisores e gerências de produção. Nos depoimentos dos trabalhadores, fica claro e evidente a ampla exigência aos operários em produzir cada vez mais de maneira constante, sem decair na produtividade, sob pena de diminuição dos salários, ou até mesmo pelo medo da perda do posto de trabalho, porque os trabalhadores deveriam simplesmente produzir.

Se ela faz 30, 40 mil pares de sapato e o mercado exige que ela faça 55 mil pares ela vai querer fazer 60 mil, ela vai querer tá sempre acima da margem pra ter aquele consumismo ela consiga suprir os clientes a demanda e manter seu estoque, se você não consegue entrar nesse sistema do consumismo, não consegue dar produção o que que ela vai fazer com você, vai chamar você e infelizmente você está desligado da empresa, você vai trabalhar sem receber não, você vai ter que se submeter o sistema e assinar sua carta de demissão você não tem outra escolha, as vezes não é porque você não tentou, era porque realmente o seu corpo o seu sistema o seu cérebro não consegue manter aquele pique que a empresa precisa, seja num corte, numa linha de esteira onde você tem que seguir aquele ritmo, tem que manter aquilo se você não consegue alguém vai ter que tá em seu lugar quando você tem que sair pra fazer suas necessidades você tem que avisar com antecedência, oh, põe alguém no meu lugar aqui que eu vou ao banheiro, já presenciei numa linha de produção muitas vezes uma esteira inteira parar, o encarregado e o gerente procurar se ele tá parado, rapaz pra ir no banheiro tem que avisar, se você tem uma indigestão você tem tempo pra colocar uma pessoa em seu lugar? Se seu encarregado não ficar em seu lugar você vai fazer o quê, você vai procurar fazer suas necessidades não tem quase esperar, depois você é questionado porque você saiu, tem que ter uma pessoa pra repor, o sistema tem que entender que o ser humano é uma máquina e uma máquina existe suas necessidades, tomar água pra se hidratar, fazer suas necessidades pra ver seu

corpo funcionando direito e acima de tudo descanso digno de acordo com a lei que não acontece as empresas consegue muito burlar as leis não tem pra onde correr, você é obrigado a trabalhar pra se manter se for solteiro, manter sua família e pagar suas contas, porque se você não trabalha você não consegue se manter não, você é obrigado a trabalhar, a fábrica ela não tem dó (R.O.).

Às vezes eu fazia hora extra, nunca fazia sempre porque eu nunca deixei que me obrigassem né nunca cedi a pressão, pressionavam, no início era um pouco pressionado pela questão da experiência e, posteriormente, pelo fato da gente ter essa opinião, o livre arbítrio de querer ou não fazer, que as vezes o gerente ameaçou de até mandar a gente embora, demitir a gente, caso a gente não fizesse e só quem não fez hora extra foi eu, dos que trabalhavam no setor, todo mundo fez com medo e todos eles foram mandados embora e só eu que fiquei mesmo assim (A.S.).

Não, não era tranquilo, havia pressão porque nós tínhamos uma quantidade estipulada de pares para produzir por dia, meu setor eram 700 pares, então tinha que dar conta pra fazer isso, nós tínhamos 08:00 minutos pra fazer 12 pares que equivale a 24 peças, então a pressão lá era grande, tanto do supervisor quanto do gerente de produção R.M.).

Todas as narrativas revelam o cerco psicológico sofrido pelos operários através de seus supervisores ou da gerência da empresa. Sob este aspecto, eles declararam executar o serviço de quatro ou cinco pessoas. Assim sendo, percebemos que a tranquilidade praticamente não existia por causa das demandas da produção. Objetos estes, que se destinavam à diversos países a exemplo de Estados Unidos, México e Uruguai conforme apontou a matriz da indústria calçadista de Franca São Paulo.

3.2 – Os Trabalhadores em luta

O ano de 2014 decorreu intensamente de múltiplos eventos relacionados aos trabalhadores calçadistas, neste recorte rememoraremos dois deles, iniciando com uma greve organizada por alguns trabalhadores que reivindicavam melhores condições para o desenvolvimento dos trabalhos. Dentre estas reivindicações, estavam o aumento dos rendimentos da cesta básica que à época era 60 Reais, acesso aos Equipamentos de Proteção Individuais,

respeito aos trabalhadores que vinham sofrendo assédio moral e melhores condições de trabalho. No entanto, os operários lembraram da greve, além da participação do Sindicato dos Trabalhadores do Ramo de Acessórios e Artefatos de Couro de Feira de Santana e Região (SINTRACOFS) naquele episódio da greve⁸.

Tem um sindicato de Feira de Santana a partir da greve de 2014, ai o sindicato começou a trabalhar mais ao lado do trabalhador não representando muito bem né, deu mais atenção, cobramos cartão alimentação que antes era 60 reais por mês e aumentou pra 105 reais, houve esse aumento, a empresa queira aumentar pra 70 e lembrando que na greve até a polícia eles botaram contra os trabalhadores dentro da fábrica, a maioria sumiu, outros entravam com medo de perder o emprego e por falta de consciência dos seus direitos, entravam (A.S.).

Na época que eu trabalhava lá, a gente via falar de um sindicato de Feira de Santa e de um sindicato de Juazeiro era aquela briga pra saber quem era o sindicato, só sei que a gente pagava agora pra quem eu não, só sei que no contra cheque tinha desconto do sindicato, esse sindicato se veio na minha época duas ou três vezes foi muito, mas ouve muita covardia dos próprios funcionários que quando o sindicato quis agir alguns adentraram a empresa, o sindicato foi lá, fez que todo sindicato faz na porta da empresa, chama os funcionários pra uma audiência, expõe as ideias, o que vai ser feito, que não é pra entrar que é pra segurar e alguns vai e entra, o sindicato que não tem moral com seus acionistas a empresa não respeita, o sindicato ele pode ter tentado agir mas ele realmente não foi forte o suficiente pra ir contra a empresa, houve pouca mudança (R.O.).

Teve um sindicato ai que trabalhou junto com a empresa mas, porque uns diziam que eles tinham se vendido, eu sei dizer que eu não fui beneficiada em nada pelo sindicato, paguei sindicato

⁸ Durante várias negociações o sindicato não foi ouvido pela empresa, o que resultou em cinco dias de paralização, uma caminhada foi organizada em direção ao centro da cidade e anunciada aos cidadãos para tornar o ato público aos órgãos competentes de Jacobina e aderida pelos trabalhadores, tendo total adesão entre os cidadãos de Jacobina Bahia, algo que ainda não havia ocorrido em tal cidade, após o término da caminhada o sindicato e os trabalhadores conseguiram acordar com a empresa uma cesta reajustada para R\$ 105 (cento e cinco reais), melhores condições de trabalho, rever o banco de horas junto ao sindicato, melhoria da carência e as pessoas lesionadas respeitando assim a lei e a CLT, contemplando outros trabalhadores unidos e do sindicato que luta pelos seus associados e faz jus aos direitos dos trabalhadores. Informativo do Sindicato dos Trabalhadores do Ramo de Acessórios Artefatos de Couro de Feira de Santana e Região (SINTRACOFS) nº 01/2014, Jacobina Bahia.

muitos anos mas não fui beneficiada em nada, o sindicato sabe de tudo, não fez nada pra ninguém, falaram também pela questão dos lesionados mas o sindicato não fez nada pela gente, chegou uma colega minha e disse tá tendo o protesto que nem tu tá vendo, só que falaram lá para o sindicalista, o chefe do SINTRACOFS, que vocês que tão doente que a empresa está dando toda a assistência médica que vocês precisam, pagando todos os medicamentos e o tratamento, isso eu fiquei sabendo era duas horas, eu liguei para o advogado e ele mandou eu reunir o máximo de gente possível pra gente da fábrica e falar tudo o que a gente pudesse a respeito disso, bem assim eu fiz, ai liguei logo pra Nilson e a gente saiu reunindo os colegas, mas só que o povo é muito covarde, todo mundo com medo quase ninguém quis ir não, ai Nilson veio pra cá a gente começou a elaborar algumas questões de algumas coisas que estavam erradas lá, deu várias páginas, levou pra casa digitalizou, no outro dia eu fui pra lá pra porta da fábrica, eu mais duas pessoas só ou três, eu tinha a consciência tranquila que fiz o que tinha que fazer (R.M.).

O movimento sindical brasileiro ao longo dos anos encabeçou muitas lutas, sobretudo no período da Ditadura Civil Militar e pós ditadura em diversos lugares espalhados pelo Brasil. Destarte, os depoimentos apresentam um distanciamento dos ideais de luta sindicais paralelo àqueles levantados pelos trabalhadores. Porém, na greve ocorrida no ano de 2014 numa empresa com mais de 360 funcionários, diante das pautas que foram levantadas, em algumas delas os trabalhadores saíram vitoriosos à exemplo da Cesta Básica que passou de 60 para 105 Reais, neste momento, o Sindicato (SINTRACOFS) esteve presente na mobilização. Mas também, as narrativas revelam que os operários se encontravam desorganizados, isto é verificado, quando encontramos nos registros orais pouco conhecimento sobre a entidade sindical representante daquela classe. No mais, outra questão levantada pelos entrevistados, se deu com a falta de acompanhamento sindical aos seus diversos problemas enfrentados pelos operários, além da falta de representatividade do sindicato junto aos trabalhadores, acentuando desta forma mais agravos à saúde no espaço laboral.

Outra situação colocada pelos trabalhadores diz respeito a ginástica laboral. Pois, num dos depoimentos, fora nos relatado que a ginástica laboral passou a fazer parte do dia a dia dos operários em certo momento do exercício da

atividade produtiva na fábrica de calçados na cidade de Jacobina entre os anos de 2006 à 2011, mas quando entrevistamos outro operário que trabalhou no ano de 2014 e 2015 na mesma fábrica, este nos informou que não mais existia a ginástica laboral empresa. Em seu relato, o mesmo nos disse que a empresa teria colocado no espaço da fábrica, uma academia de musculação para que seus funcionários fizessem atividade física após a realização do trabalho.



Figura 3 – Greve dos funcionários da indústria de calçados em 2014.
Fonte: Site Google disponível na internet (2018).

3.3 - A EDUCAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA E AS TRAMAS DA VIDA

No Brasil, historicamente notamos uma desigualdade social demasiadamente acentuada separando as pessoas em diversos grupos sociais. Na indústria de calçados esta separação em série torna-se evidente, pois segundo os relatos dos trabalhadores que contribuíram para esta pesquisa, a principal fonte de mão obra para o exercício do trabalho fabril possuía nível fundamental ou ensino médio incompleto. Contudo, não é de se estranhar que o próprio sistema capitalista crie indivíduos capazes de dar sustentação ao acúmulo do capital desmedido e sem precedente vigente no país, recriando e perpetuando a história de dominação como bem nos

assegura Marx (1981), o que eles são coincide, portanto, com sua produção tanto com o que produzem, como o modo como produzem, o que indivíduos são, portanto, depende de suas condições materiais de sua produção [...].

Com o deslocamento da reestruturação produtiva para o interior do país no final do século XX e início do século XXI, com custo de vida mais baixo, bem como o atraso com relação às várias políticas públicas, as grandes fábricas calçadistas encontraram nas pequenas cidades, grandes concentrações de mão de obra barata, sem muitas oportunidades de trabalho, muitos deles, com enormes dificuldades de concluir os estudos ou pelos menos conciliar estudo e trabalho, já que a maioria são provenientes de famílias pobres. No entanto, este recorte serve-nos como base de análise, partindo da ideia de que não estamos narrando a história de trabalhadores alienados para o trabalho, mas fazemos referência aos diversos seres humanos que se inserem neste tipo de atividade laboral alicerçados numa cadeia política, estrutural e econômica que engloba o trabalhador brasileiro.

Ao escrever este trabalho, descobrimos que a maior parte dos trabalhadores e trabalhadoras da indústria de calçados da cidade de Jacobina não tinham sequer o ensino médio. Desta forma, com o campo do conhecimento humano descoberto, os dirigentes calçadistas arroteados dos outros violadores do fôlego humano como políticos que liberam alvarás de funcionamento e dos profissionais dos meios de comunicação que recebem incentivos de empresas calçadistas para veicularem em seus programas jornalísticos matérias enaltecendo o trabalho destas, por exemplo, desta forma os trabalhadores não tem outra escolha se não continuar a trabalhar, vender sua força de trabalho em troca única e exclusivamente de produtos para sua subsistência. Os entrevistados relataram as dificuldades de trabalhar e estudar, quando muitas vezes chegavam em casa cansados para dar conta também dos afazeres domésticos, então esta carência ou deficiência educacional acaba se tornando num problema político por assim dizer.

A maioria não tinha o ensino médio completo, ou era incompleto, desistiram, ou então tinham o ensino fundamental, era o máximo, quando eu entrei lá recém casado estudando ainda e tive que lutar pra conseguir se

formar, trabalhando ainda tive que estudar mais dois anos o segundo ano e o terceiro, e realmente teve época que eu pensei em desistir, mais eu não vou tentar para ter pelo menos o ensino médio e nos dias de hoje o ensino médio não vale nada, então creio eu que 70% não tinha ensino médio, quem tinha era incompleto ou então tinha só o fundamental, é justamente isso que essas empresas gostam de explorar, essas pessoas que tem pouco conhecimento de ensino, tem que trabalhar porque formaram família que hoje ninguém consegue viver dignamente se não for através do trabalho, ela se aproveita muito bem disso porque mão de obra barata, auxílio fiscal dos próprios governantes, que reduzem os impostos, porque eu já li em um estatuto que toda empresa quando ela migra pra uma cidade o salário base é de acordo com sua região, imagine uma empresa aqui pagando um salário se ela fosse pra capital como São Paulo quem iria trabalhar pra ela, ninguém, eu e os meus colegas questionava muito isso, rapaz o que eu ganho aqui os caras não ganham lá não, eu trabalho aqui por quatro, quatro aqui vale um de lá, porque lá tem campo de futebol, quadra poliesportiva e a gente não tem (R.O.).

Conforme a narrativa, notamos como é difícil trabalhar e conciliar os estudos. No entanto, esse processo contraditório de humanização/educação posto aos brasileiros interessa muito ao sistema econômico estrutural vigente, pois, são criados diariamente grande leva de trabalhadores despossuídos formação escolar, fabricando assim, mais e mais seres humanos para adentrarem em suas fábricas funestas diariamente.

3.4 - INDEPENDÊNCIA E MORTE

Nesta última parte da análise, evidenciaremos sobre o título desta pesquisa, revelando quais motivos nos levaram a registrar os acontecimentos referentes às trabalhadoras e trabalhadores aludidos nesta narrativa historiográfica. Desta feita, é relevante assinalar as afirmativas dos entrevistados, bem como, das informações colhidas nos levantamentos de dados que deram suporte ao objeto pesquisado.

Adenilson Sales dos Santos, um dos vários operários que adentraram na produção de calçados na cidade de Jacobina percorreu uma longa trajetória desde o início de sua atividade laboral em 2004. Este, trabalhou por dez anos

em uma fábrica de calçados e em 2014 chegou ao falecimento em decorrência de Insuficiência Respiratória como mostra sua Certidão de Óbito. Dentro da empresa, este operário trabalhava manuseando uma máquina perfazendo os mesmos movimentos mais de duas mil vezes todos os dias e trabalhava no setor de produção. Entretanto, um dos entrevistados nos revelou que o principal motivo de sua saída da empresa ocorreu após o falecimento de seu amigo Nilson como era carinhosamente chamado. Outra, com muita tristeza, nos revelou momentos marcantes ao lado dele.

Na noite em que ele morreu ele não foi atendido por um especialista que acompanhava ele, ele foi num médico de emergência, o médico do SAMU, então o médico do SAMU o que ele viu lá escreveu, não foi um erro médico o que está escrito lá no atestado dele, tá certo, porque tinha que ter uma coisa muito detalhada, era para ele ter feito densitometria óssea e ele não fez porque ele não tinha condições de fazer, a gente não tinha plano de saúde ali, ou você fazia particular ou pelo SUS, isso foi em 2004 e dez anos depois ele morreu, neste dia eu viajei pra Salvador com o coração apertado, só que nós não estava esperando ele morrer não, 33 anos muito novo, aí eu pedi não enterrar ele não, deixa eu chegar, aí eu cheguei de Salvador passando mal muito desgastada e lá eu fiquei até quando enterrou no outro dia, quatro anos se passaram mais parece que a ficha não caiu totalmente, muito pesado, pesado mesmo (R.M.).

Um de nossos entrevistados nos revelou que somente no tempo em que prestou serviço a empresa, ou seja, vendeu sua força de trabalho ao setor de calçados, tomou conhecimento de mais de cinquenta trabalhadores afastados por adoecerem na indústria calçadista. No mais, é importante destacar, que assim como o pai de família Adenilson Sales dos Santos travou uma batalha judicial em busca de reconhecimento dos seus direitos trabalhistas, muitos também acamparam esta luta, fundamentalmente para reconhecer o adoecimento causado pela atividade de produção de calçados, este reconhecimento, negado pela empresa nas diversas audiências judiciais conforme apurado em dois processos trabalhistas.

Quando os escravos da contemporaneidade calçadista adquiriram sua independência, muitos deles morriam para as atividades trabalhistas e demais atividades em seu cotidiano. Muitos deles, deixavam de fazer pequenas atividades como varrer a casa, segurar um microfone, pegar determinados objetos e outros exercícios, em decorrência dos agravos de saúde adquiridos

dentro da empresa de calçados. Outros, porém, acabavam falecendo conforme o caso de Adelson Sales dos Santos em 2014, depois de lutar intensamente por sua vida, para poder ter a capacidade de segurar seu filho nos braços machucados pelo trabalho na fábrica como ele mesmo afirmou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de reestruturação produtiva, acentuado no Brasil, sobretudo a partir da década de 1990, acarretou enormes mudanças nos processos e na organização do trabalho. Este quadro de alteração do mundo do trabalho reverteu-se em números alarmantes de subemprego, desemprego, modificação nas relações de trabalho, na legislação trabalhista e nas práticas sindicais. Em decorrência disso, estabeleceu-se no Brasil um movimento crescente de descentralização das formas de produção social, a exemplo da terceirização da mão de obra visando a redução dos custos, através da exploração de relações precárias de trabalho, por intermédio da subcontratação de mão de obra, em contratos temporários de trabalho, no trabalho em domicílio e sem registro em carteira.

O embaraçoso processo de reestruturação produtiva se deu marcadamente pela exacerbação da exploração da força de trabalho e da precarização das condições das relações de trabalho. Sem dúvidas, mostrando que a indústria adquiriu a força de trabalho, sugando as energias do trabalhador fazendo-o adoecer e, depois, o marginalizando.

O prolongamento das horas trabalhadas e da intensificação do ritmo de trabalho, oriundo deste processo, contribui velozmente, para o aumento da incidência de doenças relacionadas ao trabalho, destacando-se as lesões por esforços repetitivos (LER/DORT) e as doenças respiratórias conforme revelamos.

No entanto, estas ocorrências foram também sentidas pelos trabalhadores da indústria de calçados na cidade de Jacobina interior baiano, conseqüentemente, pelos agravos das atividades laborais da indústria calçadista. Desta maneira, este estudo permitiu relacionar as ocorrências dos acidentes e as doenças que acometem os trabalhadores do calçado aos aspectos da sistematização e organização do trabalho. Percebemos, que de acordo com os dados pesquisados, vários acidentes foram relatados pelos trabalhadores entrevistados, dentre eles, um caso que levou a morte de um dos operários.

Com relação as doenças relacionadas ao trabalho, percebemos os casos de Tendinites referentes as lesões por esforço repetitivo (LER), devido

aos múltiplos movimentos realizados pelos trabalhadores e trabalhadoras no interior da indústria de calçado; a realização de várias funções durante a jornada de trabalho; ao fato de no espaço de trabalho não existir exaustores para aliviar na inalação dos produtos químicos; falta de conhecimento dos riscos à que os trabalhadores estavam submetidos ao exercerem atividade de confecção de calçados e a inexistência das medidas de segurança relatadas pelos trabalhadores.

Em suma, a partir dos dados coletados nos atestados médicos, processos judiciais trabalhistas, trabalhos de pesquisas, legislação brasileira e dos depoimentos dos operários, mostrou-se claro e evidente a importância da compreensão teórica acerca da relação trabalho e história dos sujeitos sociais, ou seja, a compreensão do ser humano enquanto agente dependente do material sendo historicamente construído ao relacionar-se com os bens de produção que fundamentam a sociedade capitalista vigente. Por outro lado, notamos que as representações sociais estão alicerçadas naquilo que vemos, exemplo disso, é a representação das doenças cujos sintomas e fundamentos, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da sociedade, mas desgastante para os indivíduos que a possuem.

Enfim, lembro ao amigo leitor, que eu poderia escrever um outro trabalho analisando a história a partir de um olhar mais romântico ou descrever sobre outros eventos de maneira tranquila, mas prefiro deixar este conto narrativo para os historiadores culturais que pesquisam o cotidiano e o sentimento das pessoas, e grupos sociais, neste trabalho o foco foi denunciar diretamente o causador de toda desgraça social contemporânea, ele mesmo o capitalismo, nestas linhas travestido de indústria calçadista no interior de Jacobina Bahia.

LISTA DE FONTES

Entrevistas:

F. M. (depoente 01, 79 anos, médico. Entrevista realizada em 20/10/2017.

R. M. (depoente 02, 41 anos, profissional calçadista. Entrevista realizada em 19/11/2016.

R.O. (depoente 03, 25 anos, profissional calçadista. Entrevista realizada em 05/05/2018.

A.S. (depoente 04, 30 anos, profissional calçadista. Entrevista realizada em 20/05/2018.

Arquivo Público Municipal de Jacobina

Diário Oficial do Estado da Bahia nº18.656, ano 2004. Souto Inaugura fábrica em Jacobina.

Diário Oficial do Estado da Bahia nº18.657, ano 2004. Mais Investimentos para a Bahia.

Informativo (SINTRACOFES) edição nº01/2014. Trabalhadores da Free Way em Greve.

Outras

Revista Footewear Magazine edição nº06/2013. Primavera Verão.

Revista Footewear Magazine edição nº08/2014. Primavera Verão.

Revista Footewear Magazine edição nº09/2014. Outono e Inverno.

Processo Trabalhista nº0009062-59/2014.8.5.0000.

Associação Brasileira da Indústria de Calçados. Relatório qualitativo 2010 no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS

ALBERTI, V: **A questão do Sujeito na Narrativa**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

ALMEIDA, I.M. Introdução à abordagem de concepções de acidentes e suas e suas implicações na análise desses eventos. In: ALMEIDA, I.M (org.). **Caminhos da análise de acidentes do trabalho**. Brasília: TEM, SIT,2003b,105 p.

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho** – Reestruturação Produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

ALVES, G. **Dimensões da Reestruturação Produtiva** – ensaios de sociologia do trabalho. 2. Ed. Londrina: Práxis; Bauru: canal 6, 2007, 288 p.

ARRUDA, J.J. de A. **Revolução Industrial e Capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Crise mundial coloca setor em alerta**. Disponível em: <http://www.abicalcados.com.br/nacional/index.php?id=1001&pagina=noticia>>. Acesso em nov. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). Notícias: **Aumento das importações e queda nos empregos alertam setor calçadista**. 2008d. Disponível em http://www.abicalcados.com.br/noticias_aumento-das-importações-e-queda-nos-empregos-alertam-o-setor-calcadista.html. Acesso em nov.2017.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Normas Regulamentadoras NR 4: Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e em Medicina do Trabalho**. 1983a. (Alterado pela Portaria SSMT nº 33, de 27 de outubro de 1983).

Disponível em:
http://www.mte.gov.br/legislação/normas_regulamentadoras/nr_04pdf). Acesso em 20 fev. 2018.

LACAZ, F.A. de C. O campo saúde do trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 757-766, abr.2007.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1984. V. 2.

MARX, Karl. **Salário, Preço e Lucro**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Santos. M. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.

RAMIRES, Ivan. da S. **Os Trabalhadores da Anglo American Corporation em Jacobina (1974 - 1989)**. 2002.

FARIAS, S. O. **Enredos e Tramas nas Minas de Ouro em Jacobina**. 2008.

OLIVEIRA, E. **Toyotismo no Brasil**: desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

TAVARES, M. A. **Os fios (in) visíveis da produção capitalista**: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo: Cortez, 2004.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

